

ISSN 1516-9162

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE
n. 34, jan./jun. 2008

ANGÚSTIA: VIDE BULA

ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE
Porto Alegre

**REVISTA DA ASSOCIAÇÃO
PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE**

ISSN 1516-9162

EXPEDIENTE
Publicação Interna
n. 34, jan./jun. 2008

Título deste número:
ANGÚSTIA: VIDE BULA

Editores:

Otávio Augusto W. Nunes e Beatriz Kauri dos Reis

Comissão Editorial:

Beatriz Kauri dos Reis, Daniel Ritzel, Deborah Pinho, Inajara Erthal Amaral, Maria Ângela Bulhões, Otávio Augusto W. Nunes, Siloé Rey e Valéria Machado Rilho

Colaboradores deste número:

Ligia VICTORA e Marta Pedó

Editoração:

Jaqueline M. Nascente

Consultoria lingüística:

Dino del Pino

Capa:

Clóvis Borba

Linha Editorial:

A Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre é uma publicação semestral da APPOA que tem por objetivo a inserção, circulação e debate de produções na área da psicanálise. Contém estudos teóricos, contribuições clínicas, revisões críticas, crônicas e entrevistas reunidas em edições temáticas e agrupadas em quatro seções distintas: textos, história, entrevista e variações. Além da venda avulsa, a Revista é distribuída a assinantes e membros da APPOA e em permuta e/ou doação a instituições científicas de áreas afins, assim como bibliotecas universitárias do País.

ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE

Rua Faria Santos, 258 Bairro: Petrópolis 90670-150 – Porto Alegre / RS

Fone: (51) 3333.2140 – Fax: (51) 3333.7922

E-mail: appoa@appoa.com.br - Home-page: www.appoa.com.br

R454

Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre / Associação Psicanalítica de Porto Alegre. - Vol. 1, n. 1 (1990). - Porto Alegre: APPOA, 1990, -

Absorveu: Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

Semestral

ISSN 1516-9162

1. Psicanálise - Periódicos. I. Associação Psicanalítica de Porto Alegre

CDU 159.964.2(05)
CDD 616.891.7

Bibliotecária Responsável Luciane Alves Santini CRB 10/1837

Indexada na base de dados Index PSI – Indexador dos Periódicos Brasileiros na área de Psicologia (<http://www.bvs-psi.org.br/>)

Versão eletrônica disponível no site www.appoa.com.br

Impressa em outubro 2008.

ANGÚSTIA: VIDE BULA

SUMÁRIO

■ EDITORIAL.....	07	Transferência e angústia na clínica das toxicomanias	140
■ TEXTOS		<i>Transference and anguish in drug addiction clinic</i>	
A imagem perfeita	11	Sandra Djambolakdijian Torrosian	
<i>The perfect image</i>			
Edson Luiz André de Sousa		Angústia e morte: psicopatologia da vida cotidiana no México	149
O objeto a é (radiacal) e não é ([b]analísável)	23	<i>Anguish and death: psychopathology of the everyday life in Mexico</i>	
<i>The object a to be (radiacal) end not to be ([b]analyzed)</i>		Luciane Loss Jardim	
Carlos Henrique Kessler		Angústia e desamparo nas relações amorosas	157
Distância assintótica e objetoa	33	<i>Anguish and helplessness in love relationships</i>	
<i>Asymptotic distance and object a</i>		Marianne Stolzmann Mendes Ribeiro	
Ivan Corrêa		■ RECORDAR, REPETIR, ELABORAR	
Intercâmbio estudantil: uma nova tentativa de interdição	42	As compensações psicológicas do analista	166
<i>Student exchange: a new form of interdiction</i>		Barbara Low	
Liz Nunes Ramos		■ ENTREVISTA	
Angústia, de Graciliano Ramos: algumas observações	51	Crianças ocupadíssimas, pais angustiadíssimos?	175
<i>Angústia, by Graciliano Ramos: some observations</i>		Alfredo Jerusalinsky	
Regina Sarmento		■ VARIAÇÕES	
A angústia e a invenção do sujeito . 57		O que resta possível entre um homem e uma mulher	182
<i>Anguish and invention of the subject</i>		Antonio Pinto de Oliveria Neto	
Luciano Elia		Quem ama o feio, bonito lhe parece	188
Um monstro no ninho	66	Maria Elisabeth Tubino	
<i>A monster in the nest</i>			
Mário Corso e Diana Lichtenstein Corso			
Os limites do analisável: a clínica na instituição	113		
<i>The limits of the analysable: the clinic in the therapeutic institution</i>			
Ester Trevisan			
Ciação contemporânea e angústia	123		
<i>Contemporary creation and anxiety</i>			
Jaime Betts			

O tema desta Revista, a angústia, constitui o eixo em torno do qual se desenvolveram os trabalhos na Appoa ao longo dos dois últimos anos – tema que extrai toda a sua pertinência e pluralidade dos desafios que a contemporaneidade propõe ao sujeito e à clínica psicanalítica. Pensar a angústia é pensar a própria existência humana. Podemos, nesse sentido, situar no pânico que acomete o homem pós-moderno – empanturrado com os objetos que a cultura impõe – a exigência para a solução urgente dessa manifestação sintomática. A marca da contemporaneidade traz o registro de que algo do sujeito e de seu desejo se transformou. São tempos em que impera um outro modo de mal-estar, diferente do sentimento de culpabilidade proposto por Freud no seu texto de 1929. Um novo imperativo superegóico parece emergir. Não é apenas o sujeito que, ao se sentir angustiado, se move em busca de algo capaz de suprir sua falta. Hoje, é o mercado, com seus avanços e novas descobertas, que chega até o sujeito e o impele.

Frente a esse cenário, o que a psicanálise pode produzir em termos de formulação acerca da angústia? Indagar seu estatuto e tratamento? Desangustiar? Interrogar? Provocar?

O seminário *A angústia*, de Lacan, foi proferido nos anos de 1962-63, o último a ser sediado no célebre anfiteatro do Hospital Sainte-Anne, em Paris, antes do rompimento com a IPA, ao final de 63. Como o próprio autor não deixou de reiterar, seu ensino foi freqüentemente questionado por minimizar o concernente ao plano afetivo e desatender o componente econômico freudiano. Em resposta a essas distorções, ele dedica um seminário que tem como tema

principal a angústia, considerando-a, por isso mesmo, como sendo o afeto de base, o afeto por excelência, o afeto constitutivo. Todas as outras inúmeras gamas de afetos possíveis seriam apenas derivados simbólicos e imaginários – tais como amor e ódio – do afeto da angústia.

Em que consiste, conceitualmente, o termo “angústia”? No seu seminário, mais uma vez, o estilo de Lacan se impõe: se buscamos, nessa obra, a definição conceitual da angústia, encontramos, sobretudo, abalos no saber constituído. Sua apropriação temática será norteadada por uma atitude fenomenológica desvinculada de qualquer explicação baseada em princípios causais. Partindo de uma aberta posição crítica com a psicanálise da época, e ancorado no texto freudiano como condição primeira para o genuíno da metapsicologia, considera o Eu como sede da angústia e salienta aquela particularidade do afeto de ir à deriva, desamarrado, deslocado, porém nunca recalcado, deixando sempre um resto. No que ele é a insinuação da Coisa (*Das Ding*) e do estranho (*Unheimlich*), esse afeto acarreta a falta de palavras, a falta da possibilidade de simbolização. Na condição humana, em que o significante afeta o corpo, a angústia se destaca por ser aquilo que escapa ao que a palavra pode circunscrever. O que não tem nome nem nunca terá, como a canção já dizia.

Já em 1962, Lacan chamava nossa atenção para a tentativa de apagar a angústia, tentativa que identificava no pensamento de Lévi-Strauss, expresso na obra *Pensamento selvagem*, em termos de uma proposta de restabelecimento da harmonia entre o homem e o cosmos. Uma promessa de “apaziguamento epicurista”, coerente com a visão de um mundo desde sempre ordenado.

Se retomamos hoje esse ponto, para introduzir nossa discussão, é porque tal promessa nos remete à tentativa de apaziguamento da angústia, que observamos no contemporâneo. Acompanhamos a insistência, algumas vezes bem-sucedida, de aplacar, ou até mesmo, de erradicar qualquer manifestação que nos desaloje. Organizam-se demandas e ofertas de diagnósticos, medicamentos, tratamentos – objetos de um mercado que promete soluções cada vez mais eficazes para suturar e regular os sintomas e o mal-estar: promessas paliativas frente a uma atopia tão característica, e tão em voga, de uma temporalidade em que há o predomínio da ordem do agora, do imediato e do gozo a qualquer preço.

Cala-se a angústia, deixando muitas vezes em seu lugar a depressão. Mas, quando a angústia se cala, que lugar resta para o desejo e, conseqüentemente, para o psicanalista?

O discurso psicanalítico seria uma saída possível frente às amarras do discurso que alude a todo o momento à busca de uma felicidade adquirida. Indo em direção contrária a essa tentativa de apagamento, Lacan interpela os analis-

tas sobre suas relações com a angústia, tanto a sua própria quanto a de seus pacientes, lembrando que ela pouco parece preocupá-los. Interrogava-os, e a nós também, sobre o desejo do analista para que o trabalho seja possível ali onde tentamos levar as coisas além do limite da angústia. Nesse contexto, o analista é aquele que não deve recuar diante dela. Certo limiar de angústia é o que deve ser sustentado em uma análise.

A condução de uma análise é o manejo da angústia, e não seu esmorecimento. Caso contrário, corre-se o risco de eliminar também a angústia enquanto disposição privilegiada, que interpela o homem na direção de movimentos mais singulares de existência. A angústia manifesta-se sob o modo de uma antecipação, quando o corte é possível. Isso marca uma diferença radical da psicanálise em relação ao senso comum e ao discurso medicalizante. Pensamos a angústia não como um conjunto de fenômenos que nos cabe curar, mas, sim, como uma experiência privilegiada, bússola que indica de que modo o sujeito permanece embargado por um desejo que não lhe é exclusivamente próprio. Sua relevância indica uma função possível para esse afeto no cenário do tratamento analítico. Função de balizamento, guia, sinal sobre o percurso do sujeito na via da construção de um saber sobre aquilo que o causa.

Seria a psicanálise a clínica do desassossego? É provável que sim. A experiência de certo *quantum* de mal-estar é o que motiva o sujeito na direção da simbolização de seu sintoma, de seus conflitos, de sua dor de existir. É o motor do tratamento, o material do trabalho e ao mesmo tempo o instrumento necessário para que se dê uma análise. Se a angústia é o modo radical sob o qual é mantida a relação com o desejo, este pode ser, portanto, o seu melhor remédio. O sujeito se constitui no lugar e a partir do desejo do Outro. Mas será que é ali que devemos permanecer? O sinal de angústia é a chance para que o sujeito não se submeta perante essa enigmática convocação e redobre o passo no caminho de seu desejo. Somos capazes de ressignificar a demanda do Outro e fazer dela a nossa própria.

TEXTOS

A IMAGEM PERFEITA¹

Edson Luiz André de Sousa²

Resumo: Este artigo busca propor uma relação estrutural entre os conceitos de utopia e objeto *a*. Lacan insiste que o objeto *a* resiste a ser assimilado em uma função significante. Assim, propomos pensar a utopia cumprindo muito mais uma função iconoclástica de destruição de imagens que um insuflar projetista de novos ideais. Utopia e objeto *a* nos deixam em falta, acionando assim nosso desejo. A partir de um trabalho do artista Jailton Moreira, de um fragmento clínico de Laurence Bataille e um conto de Jack London, mostro diferentes formas de apresentar a função da imagem quando esta se confronta com seus furos.

Palavras-chave: angústia, utopia, objeto *a*.

THE PERFECT IMAGE: THE SHADOW OF ANGUISH

Abstract: This article proposes a structural relationship between the concepts “utopia” and “*a* Object”. Lacan insists that the object resists being assimilated as a signifier role. Therefore we propose to think about utopia like an iconoclastic function of destroying images rather than a compelling trend towards the proposition of new ideals. Utopia and *a* Object provoke in us a feeling of incompleteness, activating our desire. Based on a work by the artist Jailton Moreira, and a clinical fragment by Laurence Bataille, as well as a tale by Jack London, we will show different strategies in presenting the role of image when it is confronted with its gaps.

Keywords: anguish, utopia, object *a*.

¹ Este texto é uma versão modificada do trabalho apresentado na Jornada de Abertura da APPOA A sombra da Angústia em, Porto Alegre, Abril de 2008.

² Psicanalista; Membro da APPOA; Professor do PPG Psicologia Social e Institucional e PPG Artes Visuais – UFRGS; Coordena, junto com Maria Cristina Poli, o LAPPAP (Laboratório de Pesquisa em Psicanálise, Arte e Política)/UFRGS; Doutor em Psicanálise e Psicopatologia – Universidade de Paris VII; Pesquisador do CNPQ; Autor, entre outros, dos livros Freud (Abril, SP, 2005), Uma invenção da utopia (Lumme Editor, SP, 2007), Freud: ciência, arte e política, em co-autoria com Paulo Endo (LPM, Porto Alegre, 2008). E-mail: edsonlasousa@uol.com.br

“Quién no há buscado el placer nítido?
Quién no há intentado organizar un desenlace sin escombros?”
Mario Benedetti

Começamos pelos escombros! Haveria uma outra forma? Os escombros interessam particularmente aos psicanalistas, porque dão boas pistas do sonho que animou as construções-desenlaces e, quem sabe, podem informar, um pouco, sobre a lógica que fez ruir o pequeno castelo de cartas. Sabemos que os projetos que acionam nossas construções de vida, nossos desejos, nossas esperanças, nossas utopias, nossos prazeres turvos, nossos sofrimentos, nossos sintomas são acionados pelo fantasma. Jacques Lacan inicia o seminário *A angústia* propondo a equivalência entre a estrutura do fantasma e a estrutura da angústia (Lacan ([1962-1963], s.d.). Essa é uma pista inicial que não podemos esquecer, pois ambos os conceitos nos jogam, cada um a seu modo, em zonas de perturbação.

A perturbação da angústia produz sombras, indica sobras, convida a obras, pois escancara a função do objeto a, que é, como lembra Lacan, o que resta de irredutível nessa operação total de surgimento do sujeito no lugar do Outro (Lacan ([1962-1963], s.d.). A ligação entre angústia e objeto a é tão visceral que Lacan chega a propor pensar a angústia como “tradução subjetiva do objeto a” (Lacan ([1962-1963], s.d., p. 99). Para situar a relevância dessa discussão, não podemos esquecer que o objeto a é uma espécie de dejetivo; portanto, temos que pensá-lo sempre em queda, como o que “resiste a ser assimilado em uma função significante. Dejetivo que resiste a ‘significantização’ fundamento de todo sujeito do desejo” (Lacan ([1962-1963], s.d, p. 193). Por outro lado, se nomeamos o título de nossa jornada de *A sombra da angústia*, temos que pensar em um espaço descontínuo, de corte, de interrupções, de intervalos. A sombra indica uma interrupção do circuito obscuro-luminoso da pulsão-luz.

A perturbação que o fantasma produz também nos interessa, mesmo que Lacan, ironicamente, nos provoque, dizendo que o neurótico do seu fantasma não faz grande coisa (Lacan ([1962-1963], s.d.). Vejamos, o que podemos fazer? Trata-se de uma tensão, oposição, afirma Lacan, entre Sujeito barrado e objeto a. No pequeno traço de articulação entre as duas letras (< >) podemos fazer dois cortes: um horizontal e um vertical. No corte horizontal teríamos portanto V (disjunção) / Ê (conjunção). No corte vertical teríamos > (maior) e < (menor). Estamos, inevitavelmente, em desequilíbrio, tentando encontrar o sentido da barra que nos divide, e saber qual o objeto que pode ser perfurado, espetado, capturado por essa barra. Abrimos aqui um espaço para a falácia do objeto, a mesma que captura o peixe no anzol. O fundamental é pensar essa

barra-anzol com um pequeno a em sua ponta, que, como isca, cumpre a função de um engano. Ninguém escancara seus azinhos assim de forma tão transparente. Primeiro, porque desse objeto o sujeito nada sabe. Ele, o sujeito, está muito mais na posição do peixe do que do pescador. Portanto, para se defender desse mar (sexual) aberto da angústia, o sujeito se defende com um a posição. Trata-se, diz Lacan, de um objeto a que serve de defesa e que o protege do Outro (Lacan ([1962-1963], s.d.). A falácia do objeto no fantasma do neurótico é precisamente o que Lacan nomeia como a demanda. Diz Lacan: “O verdadeiro objeto que busca o neurótico é uma demanda. Ele que quer que lhe demandem algo, que lhe supliquem. A única coisa que não quer é pagar o preço” (Lacan ([1962-1963], s.d., p. 51). Mas, por não querer pagar o preço, a conta surge em outro lugar, com os sacrifícios inscritos no corpo, no sofrimento que tão bem conhecemos. Façamos aqui um corte. O corte será nosso norte, corte será nossa busca de perfeição, e verão logo em seguida o porquê.

Talvez nunca tenhamos visto na vida uma imagem perfeita. Isso não nos impede de sonhar com ela, de buscá-la e mesmo de acreditar que já tivemos perto de nossos olhos ou em nossas mãos. Contudo, sempre falta algo: aquele detalhe que, à primeira vista, parece ser tão insignificante e que, contudo, ressurge para perturbar a forma. Imagine aquela cena que se guardava tão preservada de todas impurezas do espírito, do olhar crítico, da poeira do tempo. Ela se turva quando a reencontro na tentativa de recuperar o prazer de um mítico encontro com a perfeição. Desejamos a perfeição, mas o desejo é ilusório, lembra Lacan. Por quê? “Porque se dirige sempre para outro lugar, a um resto, resto que é o fundamento da relação do sujeito ao Outro” (Lacan ([1962-1963], s.d., p. 257). Mas não percamos tão rapidamente as esperanças! Apesar de tantas decepções, continuamos buscando a forma perfeita e, podemos dizer, que a horizontalidade inventada por Freud, que abriu espaço para o sofrimento, permitindo que qualquer um se deitasse confortavelmente em um divã e pudesse narrar seus desencontros de formas (seu mal-estar entre a distância do sonho-luz e a as pequenas sombras que encontramos). É essa a invenção freudiana que tem algo a dizer sobre o que é uma imagem perfeita.

Hilda Hilst dedica o livro *Do amor* a seu pai. Ali ela declara: “Foi ele quem me disse que a perfeição é a morte. Não será essa a maior certeza de nossa imortalidade?” (Hilst, 1999, p. 6). Aqui adianto uma pista crucial na seqüência de nosso argumento, ou seja, os laços de implicação entre desejo, perfeição e morte. Reli recentemente um pequeno texto de Catherine Millot em que ela transcreve um depoimento de Lacan a uma pergunta que ela provocativamente lhe lançara em 1974: O desejo de morte devemos situá-lo como desejo de dormir ou como desejo de despertar? Segundo Millot, Lacan teria ficado quase

meia hora em silêncio e depois discorreu brevemente sobre o sentido que, para ele, tinha o despertar e o dormir. Aquilo a que temos acesso são as anotações de Catherine Millot. Transcrevo um trecho que me impressionou muito e vai me ajudar na apresentação de algumas articulações que seguirão. Teria dito Lacan em determinado momento:

Jamais despertamos: os desejos entretêm os sonhos. A morte é um sonho, entre outros sonhos que perpetuam a vida, e que nos faz abrigar no mítico. É do lado do despertar que se situa a morte [...] Se não houvesse a linguagem não nos meteríamos a sonhar de se estar morto como uma possibilidade (Lacan, s.d., p. 1).

Seguem três pequenas pontuações em um diálogo inicial com o tema da angústia. Pontuações que surgem como pequenos ruídos, rasuras mínimas, neste texto denso que a experiência da angústia nos lança.

1. A primeira pontuação é como uma reticência. Será uma demonstração visual e, acredito, inquestionável, de que existe a forma perfeita. Trata-se de um trabalho de Jailton Moreira³, grande amigo e um dos artistas plásticos mais perspicazes que conheço e que vai nos mostrar o que é o objeto a! Nomearia essa primeira pontuação de *A imagem perfeita*.

2. A segunda pontuação é como uma exclamação. Será um pequeno fragmento clínico. Poderia nomear como *A imagem quase perfeita*.

3. A terceira e última pontuação é evidentemente um ponto final. Seguirei brevemente a pista de um maravilhoso conto de Jack London que nos ensina sobre o que vem a ser o ato analítico. O conto se intitula *Cara no chão*. Nomearia essa terceira parte como *A imagem imperfeita*.

Um outro fio condutor que, acredito, costura esses três pontos pode ser nomeado como três estilos de corte: na imagem perfeita, o corte iconoclástico; na imagem quase perfeita, o corte narcísico; e na imagem imperfeita, sem dúvida, a radicalidade do corte do ato analítico.

A imagem perfeita

O primeiro ponto evoca um trabalho em vídeo de Jailton Moreira, intitulado *A forma perfeita*⁴, onde vemos nas mãos do artista um estilete com o qual tenta

³ Jailton Moreira dirige, em Porto Alegre, junto com Elida Tessler, desde 1993, o Torreão – Espaço de intervenções de artistas e de discussões sobre arte e cultura contemporânea.

⁴ Trabalho de Jailton Moreira apresentado na exposição *Trabalhos Insistentes*, Galeria Obra Aberta, Porto Alegre, de 5 de outubro a 8 de novembro 2002. DVD com duração de 4:15 minutos.

transformar um cubo de isopor em uma esfera. Vai aparando “as arestas” até o limite do desaparecimento do isopor e nada restar em suas mãos.



Essas imagens são muito próximas do espírito da reflexão de Rubens Alves, quando escreve: “Dizer o nome das coisas que não são, para quebrar o feitiço daquelas que são” (Alves, 1992, p. 15). O ato de criação como corte na transfiguração da forma – do cubo à esfera. A perfeição é, justamente, o corte. A perfeição é o que indica o impossível, o inimaginável da forma escancarando a falta. Qual a dificuldade de ver o objeto *a*? Lacan insiste que a ambigüidade se deve ao fato de que só podemos imaginar esse objeto no registro especular. Mas, não é ali que está. Trata-se, segundo ele, de instituir um outro modo de imaginarização, em que se pudesse definir esse objeto (Lacan ([1962-1963], s.d.). Passagem do cubo à esfera. Esfera como a forma perfeita, já tão indicada por Platão, na célebre passagem do *Banquete* (Platão, 1964, p. 45), em que busca ilustrar uma imagem possível do amor. Imagem emblemática também do funcionamento de todo pensamento narcísico, que acredita sustentar uma certa ordem no mundo. Copérnico fez um pequeno corte ao indicar que a Terra não estava no centro do sistema solar, mas não conseguiu romper com a idéia da esfera, do círculo perfeito, que, como sabemos, era o ponto de sustentação do paradigma religioso: Deus no centro dessa forma perfeita. Como lembra Severo Sarduy (1975) em seu ensaio sobre o Barroco, o ato radical (diríamos o ato analítico) foi mesmo o de Kepler, ao mostrar que é na forma da elipse que os planetas se movimentam em torno do sol. A elipse funciona como queda da imagem da esfera que sustentava, até então, o mundo. Poderíamos dizer que cada corte de estilete (estilo) barra o sujeito em seu ideal de gozo e de encontro dessa sonhada perfeição. Não teríamos nesse ponto a indicação da função da castração como protegendo o sujeito do encontro catastrófico com o gozo? Se há perfeição, seria mais do lado do corte, já que finalmente a imagem perfeita é, em todas as letras, a imagem perdida. Parodiando Lacan na célebre afirmação no seminário *O desejo e sua interpretação* (Lacan, [1958/1959], s.d.) toda perfeição tem uma estrutura de ficção⁵.

Uma porta que se abre neste ponto é a de pensar o objeto *a* como utopia. Objeto *a* como causa, em posição evanescente, mas que nos coloca na via de uma ética do desejo, convocando o sujeito a novas posições, novos cortes de estilete, enfim, tentar produzir e construir um estilo. Em que sentido podemos pensar, neste ponto, em utopia? No sentido em que diz Fredric Jameson, que a vocação de toda a utopia é o fracasso.

⁵ Neste seminário Lacan afirma “Toda verdade tem uma estrutura de ficção” (p. 78).

O seu valor epistemológico está nas paredes que ela nos permite perceber em torno das nossas mentes, nos limites invisíveis que nos permite detectar, por mera indução, no atoleiro das nossas imaginações no modo de produção o texto utópico realmente nos dá a vívida lição daquilo que não podemos imaginar: só que não o faz pela imaginação concreta, mas sim por meio dos buracos no texto... (Jameson, 1997, p. 85)

Lacan insiste nessa falta de imagem, nessa invisibilidade em vários momentos. Diz, por exemplo, que objeto *a*, suporte do desejo no fantasma, não é visível naquilo que o constitui (Lacan ([1962-1963], s.d.). Aponta também que “não há imagem da falta”, ponto em que precisaríamos sem dúvida nos deter (Lacan ([1962-1963], s.d., p. 40). Quando aparece algo nesse lugar, diz ele, aí sim a falta vem a faltar (estamos, como sabemos, na catástrofe da angústia). Quanto mais o sujeito tenta se aproximar desse objeto que chamamos impropriamente, diz Lacan, “a via da perfeição da relação de objeto” (Lacan ([1962-1963], s.d., p. 40), tanto mais ele, o sujeito, se engana. Por isso o objeto *a* cumpre uma função iconoclástica, de destruição de imagens, já que, como lembra a Bíblia, a perfeição, o absoluto indicado na idéia de Deus, não pode ser nomeado. Um pequeno *a* (utópico?) “que injeta desordem” (Lacan ([1962-1963], s.d., p. 137).

A imagem quase perfeita

Neste ponto, a imagem surge como um tropeço. Veremos um pequeno relato clínico que faz tencionar uma imagem que se apaga e outra imagem que sutilmente vai surgindo no lugar deixado em branco. Vivemos desses tropeços e é assim que nos chegam muitos de nossos pacientes. Vêm até nós na esperança de encontrar imagens como um fundo de estofado, que os livre, parcialmente, do embaraço da barra que os divide. Contudo, mal sabem eles que essa barra é o que os protege, ou quase, como o bastão de Sônia⁶. A barra no sujeito sustenta a imagem que o protege da catástrofe, que é a angústia, como lembra Lacan, logo no início de seu seminário *A angústia*.

⁶ Sônia é o nome que Laurence Bataille deu a sua paciente e em que nos deteremos na seqüência do texto. Relato que encontramos em seu livro: *O umbigo do sonho – por uma prática da psicanálise* (1988).

Vejamos então uma imagem quase perfeita e que Sônia heroicamente sustentou como um horizonte possível de sua vida. Trata-se de um pequeno relato de Laurence Bataille, filha do Georges Bataille e Sylvia Makles⁷.

Transcrevo aqui o pequeno fragmento de Laurence Bataille, intitulado *Reunião*:

As lembranças que Sônia guardou de sua infância são todas mais ou menos impregnadas de medo, de solidão. Se sua memória lhe devolvesse pelo menos uma boa recordação, encontraria aí, pensa ela, algum chão para assegurar-se na vida. Eis porque ela procura: Se eu apenas me lembrasse de ter estado ao menos uma vez com meu pai e minha mãe, eles e eu, os três”, suspira. Um dia, a lembrança aparece:

– [...] na penumbra de um crepúsculo... avenida Ernest Renan, ao longo do Parque das Exposições... dou a mão a meu pai de um lado, a minha mãe de outro.

Uma súbita alegria a invade:

– Sim, era formidável! Eu tinha querido imitar os guardas de trânsito, parara um táxi com meu bastão de brinquedo. Estava muito orgulhosa porque o táxi parou bruscamente diante de mim. Alguém disse com uma voz irritada:

– Foi para não te atropelar.

– O bastão, então, não tinha servido para nada. Que boa lembrança mais esquisita, onde eu quase sou atropelada! Mas alguma coisa não está certa: se eu estava com meu arco e meu bastão, eles não estavam me dando a mão. Além disso, se me estivessem segurando eu não teria podido me atirar para o meio da avenida. No entanto, estou certa de que é uma boa lembrança. Sim! Foi sem dúvida depois disso que me tomaram pela mão, porque ficaram com medo. Eu tinha posto a vida da filha deles em perigo, e os tinha reunido. A separação deles representava para mim uma parada mortal, e eu parei o táxi, parei a morte. Eu me impus, me fiz lembrar a eles. Só durou um breve instante, mas fui capaz disso. É uma boa lembrança.

⁷ Sylvia Makles, depois da separação de Georges Bataille, vai se casar com Jacques Lacan.

– É irritante: acabei de lhe dizer que procurava uma lembrança em que eu tivesse estado com meus pais, mas tinha pensado: entre eles. Agora isto me perturba. Digo a mim mesma que eles deviam estar andando lado a lado sem se ocupar comigo. Minha travessura os obrigou a me colocar entre os dois e, portanto, a se afastarem um do outro. E, no entanto, é verdade que, se eles estavam juntos naquela tarde era por minha causa, mas eu era também e sobretudo a causa de sua separação. No fundo, eis o que é ainda melhor! Eu queria reuni-los e também separá-los. Ou reuni-los para separá-los. Decididamente é uma lembrança muito, muito boa” (Bataille, 1988, p. 19-20).

Vemos aqui a imagem-esperança quase desfeita, mas na qual a paciente se segura. Podemos pensar, portanto, esse entre (entre os pais) como cumprindo a função do falo. Nesse entre, algum lugar para a falta e, dessa forma, um lugar possível para o amor, pois, como todos sabem, “Amar é dar o que não se tem” (Lacan ([1962-1963], s. d., p. 134). Nessa bela narrativa, acompanhamos o trabalho do significante que busca, sim, apagar o traço. Como ela diz, a separação de seus pais representou para ela “uma parada mortal”. Contudo, a escuta em seu lugar preciso restitui o sujeito na linguagem, e assim vemos que, quanto mais tentamos apagar o traço, mais o traço resiste como significante. Arriscaria dizer, brevemente, que o significante, essa lembrança arrancada quase à força, coloca entre parênteses o traço, protege o sujeito, ela entre os pais. Essa é a função do significante. Lacan é categórico ao dizer que “o real reenviando o sujeito ao traço o abole como sujeito” (Lacan ([1962-1963], s.d., p.134).

A imagem imperfeita

Para concluir o ciclo, só me resta discorrer sobre a imperfeição. Vou brevemente evocar um maravilhoso conto de Jack London (1997), intitulado *Cara no chão*, que demonstra com todas as letras o que é um ato analítico. Trata de questões cruciais em torno da idéia da permeabilidade do espaço, da idéia de eu como superfície, na medida em que este é constituído por uma fina e densa camada de imagem-resultado, como sabemos, da etapa do espelho, e do sonho que cultivamos de uma impermeabilidade que nos poupasse da fúria invasora e destruidora do Outro.

A história de London começa de forma sugestiva. Inicia sua narrativa com “Era o fim”. Dois amigos são presos roubando peles de uma tribo de índios. São capturados e o destino já estava escrito com todas as letras: tortura e morte.

Subienkow, narrador da estória, ouvindo os gritos desesperados de seu amigo sendo torturado, se horrorizava com a proximidade de sua hora de sofrimento. Evoca, para se proteger do horror, imagens de infância.

“Esforçou-se para pensar em outras coisas e pôs-se a recordar o passado. Lembrou-se de sua mãe e de seu pai, e do ponezinho malhado...” (London, 1997, p. 10). Na hora em que foi levado à tortura, Subienkow provoca o chefe Makamuk, dizendo que era uma pena matar um homem inteligente como ele, que descobrira um remédio poderoso e estranho. O chefe, desconfiado, é fisgado na curiosidade e lhe pergunta:

“Que remédio é esse?” (London, 1997, p.18) Subienkow lhe diz que se tratava de um estranho remédio. Diante da insistência do chefe indígena, revela, então, se tratar de um remédio que, esfregando na pele, a enrijecia, a endurecia como pedra, como ferro e nenhuma arma de corte poderia feri-la. Makamuk não acreditou no primeiro momento, mas hesitou. Ofereceu a vida dele pela revelação do segredo. Subienkow começa a fazer uma serie de exigências, e a cada hesitação de Makamuk o ladrão aumentava o teor de suas exigências. Pediu cem peles de castor, cem libras de peixe seco, dois trenós, uma carabina e disse que para provar a eficácia do remédio passaria em seu próprio pescoço e Makamuk poderia dar até três machadadas. Se ele sobrevivesse às três, deveria deixá-lo partir. O diálogo é riquíssimo, pois Subienkow captura Makamuk nesse sonho de impermeabilidade. Coloca-se numa clara posição de suscitar no outro uma demanda de saber (do segredo). Faz-se reconhecer por um saber que o outro supõe que ele tem. Inverte, portanto, a posição do poder. Era ele, agora, que ditava as regras do jogo. Depois de muita negociação, finalmente prepara o produto, passa em seu pescoço e pede a Makamuk que faça a primeira tentativa de corte.

Eis como London finaliza a história:

Makamuk brandiu a machadinha – uma machadinha de largo corte, para falquejar madeira. O aço luzidio relampejou no ar gelado, pousou um instante imperceptível acima da cabeça de Makamuk, depois desceu no pescoço nu de Subienkow.

Através da carne e do osso abriu caminho, mordendo profundamente o tronco em que se apoiavam. Espantados, os selvagens viram a cabeça saltar a uma jarda de distância do coto de pescoço donde o sangue esguichava.

Houve então um grande silêncio cheio de perplexidade, e lentamente começou a clarear nas mentes selvagens a idéia de que não existia remédio nenhum: o ladrão de peles lograra-os! Entre

todos os prisioneiros, apenas esse escapara da tortura, ganhando o prêmio pelo qual representava toda a comédia. Um grande clamor de risadas elevou-se no ar. Envergonhado, Makamuk baixou a cabeça. Diante de toda a sua gente, sua cara caiu no chão. Sabia que daí em diante não mais seria conhecido como Makamuk, mas como Cara no Chão, a prova da sua vergonha o acompanharia até sua hora derradeira, e onde quer que as tribos se juntassem na primavera para pescar salmão, ou no verão para negociar, a história passaria de um lado para outro nos acampamentos – de como o ladrão de peles morrera pacificamente, de um só golpe, pela própria mão de Cara no Chão (London, 1997, p. 29-30).

O que cai ali senão uma imagem? Queda que vai funcionar como uma nova nomeação de Makamuk. Queda que vem a desvelar a imperfeição da imagem que o seduzira. Queda também para o leitor, que chega até a acreditar, senão no remédio, pelo menos que uma saída com vida ali se armava. Caímos junto com Makamuk. Queda que revela nossa falta no saber, que nos surpreende. London coloca em cena a castração, que nos faz perder o lugar de saber, poder e controle. Em um diálogo possível com Lacan, poderíamos dizer que quando Subienkow leva a zero a demanda de Makamuk aparece a castração. Para Lacan, essa é uma das direções da operação analítica. Capturar o outro na demanda de saber é uma forma de encobrir a angústia. A imagem que cai é o objeto seccionável, destacável, que menciona Lacan mais para o final do seu seminário. Diz ele “que a objetividade é correlativo de um pathos de corte” (Lacan [1962-1963], s.d., p. 232).

Depois de tantos cortes, é hora de cortar finalmente o texto. Há muitos pontos a serem ampliados, muitos a serem reduzidos, mas, das eventuais obscuridades, me consolo parcialmente com nosso velho mestre Freud (1981, p. 2457), que diz, em *Caminhos da terapêutica psicanalítica*, de 1918, que os psicanalistas estavam prontos a reconhecer as imperfeições do seu saber.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubens. *A alegria de ensinar*. São Paulo: Ars Poética, 1992.
- BATAILLE, Laurence. *O umbigo do sonho – por uma prática da psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. v. 3.
- HILST, Hilda. *Do amor*. São Paulo: Edith Arnhold; Massao Ohno, 1999.
- JAMESON, Fredric. *As sementes do tempo*. São Paulo: Ática, 1997.
- LACAN, Jacques. *O desejo e sua interpretação* (1958/59); Seminário 6. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, s. d.

■ Edson Luiz André de Sousa

LACAN, Jacques. *L'angoisse*; Séminaire [1962-1963]. Paris: Document interne à L'Association Freudienne, s. d.

LACAN, Jacques. *Au delà du réveil*; entrevista com Catherine Millot, mimeo. s. d.

LONDON, Jack. *Três histórias de aventura*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

PLATÃO, *Le banquet*, Paris. Garneir Freenes, 1964.

SARDUY, Severo. *Barroco*. Paris: Seuil, 1975.

Recebido em 20/04/08

Aceito em 02/06/08

Revisado por Inajara Erthal Amaral

TEXTOS

**O OBJETO *a* É (RADICAL)
E NÃO É ([B]ANALISÁVEL)¹**

Carlos Henrique Kessler²

Resumo: O presente texto enfatiza a radicalidade da elaboração do conceito de objeto *a* na obra de Lacan, a partir do seminário 10, sendo ponto de inflexão dela. Consolida-se, assim, a perspectiva na qual o sujeito tem o que o causa posto num objeto *a* para todo o sempre perdido. Aborda-se, também, a hipótese da posição única de Lacan, na produção e elaboração desse seminário, que poderia ser a sua angústia, além de identificarmos já aqui os elementos que irão constituir os seus quatro discursos.

Palavras-chave: psicanálise, objeto *a*, angústia, Lacan.

THE OBJECT *a*: TO BE (RADICAL) AND NOT TO BE ([B]ANALYZED)

Abstract: The present text emphasizes the radical quality in the elaboration of the object *a* concept in the work of Lacan, from the Seminar 10, being point of inflection in his work. Thus consolidating the perspective in which the subject finds what causes himself in an object (*a*) forever missing. It also approaches the hypothesis of the unique position of Lacan in producing and elaborating this Seminar, that could be his own anxiety, as well as identifying here already the elements that will constitute his four discourses.

Keywords: Psychoanalysis, object *a*, anxiety, Lacan.

¹ O texto foi, inicialmente, inspirado no trabalho apresentado nas Jornadas Clínicas da APPOA, *A angústia*, outubro de 2007, em Porto Alegre. Baseia-se em material elaborado para capítulo da Tese de Doutorado, que venho produzido no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ, com apoio Capes-Picdt.

² Psicanalista, membro da APPOA, professor do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do IP-UFRGS. E-mail: kessler@portoweb.com.br

Da radicalidade do objeto *a*

Quando se está trabalhando num texto, é comum que surja a tendência de tomá-lo como se fosse o mais importante de todos, pelo menos naquele momento. Mesmo estando alertado disso, é o que me parece ser o caso deste décimo seminário de Lacan ([1962-63] 2005), *A angústia*: trata-se de uma encruzilhada da sua obra. Teríamos aqui uma importante inflexão na sua elaboração. Até então, seu esforço parece-nos ter sido voltado mais ao sentido de focar o Simbólico, para distingui-lo do Imaginário, os quais estariam justapostos na concepção kleiniana. E, nesse ponto da obra de Lacan, vai consolidar-se a perspectiva na qual se considera o sujeito como comandado a partir de um ponto de perda – de real, o que está para além de qualquer psicologia.

A elaboração sobre o objeto *a* é radical, tanto no sentido etimológico, de apontar a raiz, quanto por, ao mesmo tempo, levar a posição do sujeito ao seu limite extremo. Lacan nos indica que essa posição é decidida desde a constituição do sujeito, a qual se dá a partir de um lugar necessariamente perdido. A perda é situada, assim, como radical e constitutiva do sujeito, desde então dividido entre essa condição anterior ao seu atravessamento pela linguagem-campo do Outro. É o que alinhava todo o seminário, não como algo que se dê *a priori*: é no momento mesmo que se constitui o sujeito, do qual também resulta – dessa operação – uma perda.

A partir do Seminário 10, o sujeito tem o que o causa posto em um objeto para todo o sempre perdido (objeto *a*: objeto-causa do desejo). A causa do desejo, então, está dada em algo *a* que não se terá mais acesso (real). Continua sendo dali de onde somos movidos. Importa ressaltar que isso não faz Lacan desmerecer a importância dos outros registros (simbólico e imaginário), apenas o leva a ressitua-los, dando a devida ênfase a este terceiro registro, como é ilustrado pela propriedade do nó borromeano, no qual os três laços, correspondentes aos registros do simbólico, imaginário e real são igualmente indispensáveis para a manutenção do nó como tal. Assim, se “o significante é o vestígio do sujeito no curso do mundo” (ibid., p.88), o “problema está na entrada do significante no real e em ver como disso nasce o sujeito” (ibid., p. 100).

O objeto *a* é situado como um objeto externo a qualquer definição possível de objetividade, um lugar exterior a qualquer tentativa de interiorização. Podemos perceber, dessa forma, a ênfase numa causalidade exterior, fundamentando a oposição introduzida por Lacan entre a *objetividade* e a *objetividade*. A primeira, consequência direta da formulação sobre o objeto *a*, seria aquilo que interessa à psicanálise, tensionando assim a perspectiva hegemônica da ciência ocidental, que busca seu correlato na razão pura ou no formalismo lógico.

Mais um ponto que nos permite ver o quão radical é essa postulação: todo o debate com as dimensões da ciência é relançado aqui. Ao situar o motor do sujeito naquilo que foi perdido não há como, mais uma vez, nos apegarmos a critérios como os de verificabilidade (Comte) ou falseabilidade (Popper), que dependem de um objeto *positivo*, ou seja, presente.

O *a* é aquilo que restou de irreduzível no momento da constituição do sujeito no lugar do Outro, pelo seu submetimento à linguagem. Isso que resiste à assimilação significativa é considerado como o fundamento do sujeito desejante, parte para sempre irrecuperável de qualquer um. São várias as passagens ao longo do Seminário 10 nas quais Lacan insiste nesse ponto, até que, já nos momentos finais, pode expressar claramente sua posição em relação ao sujeito, sua origem e relação com a marca simbólica: “O que o sujeito tem para dar é o que é dele [...] o que ele é só pode entrar no mundo como resto, como irreduzível em relação ao que lhe é imposto pela marca simbólica...” (ibid., p.356-7). Mesmo que isso não implique de forma alguma a desvinculação com o campo do Outro, o registro do simbólico: “o *a* [...] ele é definido como um resto irreduzível à simbolização no lugar do Outro, mas, mesmo assim, dependente desse Outro...” (ibid., p.359). E, ainda, no espírito do título que escolhemos para esse item, temos: “O objeto *a* [...] ele é nossa existência mais radical [...]” (ibid., p.365).

Acerca da constituição do sujeito

Durante o transcorrer desse seminário, o objeto *a* vai sendo delineado, e suas características sendo estabelecidas, apontadas. Como sempre, isso acaba abrindo infindáveis direções de trabalho. Tantas e tão importantes, mas para que fosse possível fazer-lhes o devido destaque teríamos que proceder tal qual Pierre Menard, o personagem de Borges, que (no seu caso) tenta reescrever todo o *Dom Quixote*. Mas também não podemos vacilar, como muitas vezes pode-se cair na tentação, frente a uma complexa elaboração como a lacaniana, e acabar aceitando muito rápida e, assim, superficialmente, um conceito como o do objeto *a*, sem buscar dimensionar minimamente quais sejam as implicações que sua proposição coloca. Caso contrário, o conceito restaria banalizado. Logo, algumas direções do trabalho têm que ser eleitas, o que faremos a seguir. Pois, da leitura do seminário *A angústia*, o que cai diante de nossos olhos é ele, o objeto *a*.

Freud inventou o inconsciente e depois, quando ele já estava por demais *compreendido* lançou mão do *Isso*. Lacan não só nos chama a atenção sobre esse movimento freudiano, nos fazendo voltar ao *fio cortante* da experiência psicanalítica, como sempre buscou distinguir a psicanálise de qualquer tentati-

va de sua apreensão pela via do saber. Não poderia ser diferente com aquela que denominou como a sua contribuição original, a qual não encontraria paralelo em Freud (mesmo que, conforme veremos a seguir, se encontrem alguns vestígios).

Para situarmos minimamente como é proposta essa articulação do sujeito a partir de um ponto de corte e de uma perda, destacaremos então como é enunciado, no seminário em questão, o momento de constituição desse mesmo sujeito, sua divisão entre, por um lado, o traço unário (*Einziges zug* – situando a entrada na linguagem, marca do registro simbólico); e, do outro lado, o corpo biológico (reduzido à perda da primitiva condição biológica ou natural, a qual, dessa forma, resta no real). Para tal movimento, convém reconhecer que Lacan faz uso de diversas de suas concepções já desenvolvidas em seminários anteriores: sobre a constituição do sujeito (Lacan, [1957-58] 1999), sobre o traço unário (Lacan, [1960-61] 1992; [1961-62] 2003), assim como o esquema ótico (Lacan, [1962-63] 2005), vindo a reposicioná-las em função do que nesse desenvolve. Entendemos que Lacan é levado a retomar seus esquemas, bem como a constituição do sujeito, como forma de ressituar o simbólico (esquema da divisão) e o imaginário (esquema ótico) em relação ao registro do real, restabelecendo assim a equivalência dos três.

Simbólico e Real: o esquema da divisão

Em um primeiro momento, vamos procurar acompanhar o movimento proposto através do chamado *esquema da divisão*, abordado em várias passagens ao longo do seminário. Por seu intermédio, é situado o \$, sujeito dividido, efeito da operação de divisão entre natureza-corpo e linguagem-cultura. Aqui fica clara a posição do *a*, como resto, nesta mesma operação de divisão.

Inicialmente os seguintes elementos são dispostos, em duas colunas:

A | S
\$ | \mathcal{A} (procurar um a barrado!)
a | (Lacan, 2005, p. 36)

Temos um momento originário no Outro enquanto tal, simbólico, sítio da linguagem, da produção cultural; e o sujeito, ainda não constituído, mas já situado em sua determinação ao significante. Prosseguindo, na segunda linha localiza-se o \$, já então barrado, marcado pelo traço unário, pelo significante no campo do Outro, e surge, no cociente dessa divisão o *a*, como resto dessa operação. Temos por essa via uma outra perspectiva, matemática, de pensar o que se trataria quando proposto o *resto*.

Esses mesmos elementos (*A*, *S*, *A*, *\$* e *a*) serão retomados e reposicionados, o que possibilita explorar diferentes desdobramentos e consequências. O processo de subjetivação é também articulado com a proposição freudiana, postulando que o tesouro do significante é tão essencial ao advento do sujeito, da vida humana quanto o que venha do *Umwelt* natural. Ao final desses vários movimentos, temos uma espécie de balanço da posição de Lacan a esse respeito, situando: a fórmula do sujeito na fantasia, com a célebre definição do operador $\langle \rangle$ (punção); uma nova caracterização acerca do *a*, enquanto o que *resiste à significantização*, fundamento (*e*, portanto, causa) perdido do sujeito desejante:

[...] o que advém no fim da operação, é o sujeito barrado... A fantasia é o $\$$ numa certa relação de oposição com *a*, relação cuja polivalência é suficientemente definida pelo caráter composto do losango, que tanto é disjunção, \vee , quanto conjunção, \wedge , que tanto é o maior, $>$, quanto o menor, $<$. O $\$$ é o término dessa operação em forma de divisão, já que o *a* é irreduzível, é um resto, e não há nenhum modo de operar com ele... ele só pode representar o lembrete de que, se a divisão fosse feita, a relação entre o *a* e o *S* é que estaria implicada no $\$$ (ibid., p. 192-3).

Imaginário e Real: do esquema do espelho... para as variações topológicas

Outra direção que encontramos no Seminário 10 é a que retoma o esquema ótico que Lacan utilizara anteriormente. Desse, partirá para a abordagem de diversas figuras topológicas: a banda de Moebius, o *cross-cap*, a garrafa de Klein, o oito interior. Também por essa via surge a articulação com o objeto *a*, o que permite situar o imaginário na elaboração em curso, mesmo que visando restringi-lo ao extremo.

Assim, temos inicialmente a relação entre fantasia e desejo situada com o auxílio do esquema ótico. Por esse ângulo, *a* é, mais uma vez, inserido enquanto objeto visado na origem do desejo, como sua causa. É o traço que resta como ponto de referência que move o sujeito em direção ao restabelecimento dessa miragem de completude original com o Outro. Vemos resgatada aqui a lógica do desejo enunciada por Freud, na *Interpretação dos sonhos* ([1900]1976), na qual ele indicava que o desejo seria aquela tendência que levaria a buscar o retorno a um estado anterior de satisfação. Da mesma forma – quando Freud, em seu *Projeto* ([1895]1976), se preocupava em produzir a elaboração para o

que se daria a nível neuronal – encontramos a proposição acerca de como um caminho já trilhado anteriormente tem o percurso facilitado em relação a outros eventualmente possíveis. Com o esquema ótico, dos espelhos côncavo e plano, Lacan busca, utilizando-se do recurso da sobreposição da imagem do vaso e das flores, ilustrar a miragem egóica que se estabelece, a qual atenderia ao restabelecimento da suposta completude original do ser, realizando o desejo do Outro, ou seja, preenchendo a sua falta. Prossegue com seu raciocínio, situando a operação constitutiva do sujeito, considerando o narcisismo, o corpo, a libido. Aqui, com sua atual elaboração, coloca o *a* em uma *precessão essencial*, um exterior anterior à interiorização, na qual o sujeito, no lugar do Outro, capta-se na forma especular, distinguindo eu e não-eu. O objeto *a*, causa do desejo, é anterior; portanto, está atrás do desejo, não na frente. Temos uma causalidade anterior.

A partir da utilização do esquema ótico, em que a força da imagem é facilmente notada, vamos acompanhar a passagem progressiva para a utilização de figuras topológicas. É possível perceber, nas relações estabelecidas em torno das várias figuras, como o recurso a cada uma delas permite superar a abordagem anterior.

Assim, partindo da relação entre o esquema das flores e o objeto *a*, o *cross-cap* permite sustentar a idéia de um corte constitutivo, anterior ao qual, pré-especular, estaria o *a*. O *cross-cap* ilustra a característica de um corpo constituído de duas partes, uma em que a imagem especular (falo imaginário= ϕ , ou menos *fi*) está presente, outra em que não está (objeto *a*). Então temos, com o *cross-cap*, outro caminho para abordar a possibilidade de um tipo irreduzível de falta na constituição da subjetividade. No deslizamento do corte para a falta, a concepção do pedaço de corpo é a maneira mais segura de abordar esse algo perdido. Com isso, Lacan pode propor o limite da simbolização, situando-o exatamente no seu ponto de origem, o qual não pode ser significado (assim como o *umbigo do sonho* freudiano).

A garrafa de Klein é introduzida por sua característica de permitir visualizar a passagem do interior para o exterior, e vice-versa, sem exigir, para isso, que se acesse por uma borda. Já que o que mais existe de nós mesmos permanece do lado de fora, justifica-se o recurso à garrafa de Klein, “[...] o que mais existe de mim mesmo está do lado de fora, não tanto porque eu o tenha projetado, mas por ter sido cortado de mim [...]” (Lacan, [1962-63] 2005, p. 246).

Para amarrar alguns feixes

Podemos então acompanhar como, com esse seminário, Lacan vai articular mais uma, e fundamental, dimensão constitutiva do sujeito, junto ao que

pudera produzir até o seminário anterior, *A identificação* (Lacan, [1961-62] 2003). O mesmo movimento constitutivo do *Einzigiger Zug*, do traço unário (o qual foi ilustrado neste seminário pelas sucessivas marcas postas por um homem primitivo em um osso e que teriam nos posicionado como humanos na linguagem – simbólico), produz simultaneamente, como resto, o objeto *a*, campo da causa, do corpo, do real. Nesse sentido é que pensamos, como colocado no início deste texto, que seria legítimo pensar que até o seminário *A identificação* (Lacan, [1961-62] 2003), Lacan teria privilegiado situar o limite da elaboração kleiniana, após a ter defendido em relação ao oficialismo anafreudiano. Melanie Klein teria preservado o fundamental da psicanálise, o inconsciente, mas pecado por não considerar o que só a partir de Lacan será permitido reconhecer como dois diferentes registros: simbólico e imaginário, o que culmina com o *Einzigiger Zug*. Nesse ano do décimo seminário, Lacan voltaria sua atenção para o registro até então deixado em plano secundário, o do real. Mesmo que o objeto *a* não se reduza apenas a esse registro – como, anos depois, será indicado com o nó borromeano – em várias passagens ao longo do seminário que aqui acompanhamos, a ênfase é dada para esta dimensão do *a*. O sujeito se constitui entre a linguagem e um resto anterior, logo, dividido desde o momento da sua constituição.

Outro ângulo importante para nos ajudar a vislumbrar o estatuto que Lacan mira com a abordagem de *seu conceito* pode ser percebida pelo que segue:

O que nos interessa nessa questão, e ao qual é preciso reduzir a dialética da causa... Não se trata do corpo como algo que nos permita explicar tudo, por uma espécie de harmonia do *Umwelt* com o *Innemwelt*, mas é que sempre há no campo, em virtude desse engajamento na dialética significativa, algo de separado... que é a libra de carne... (Lacan, [1962-63] 2005, p. 241-2).

Podemos, assim, novamente confirmar a posição de Lacan, entre o corpo-objeto e a linguagem-simbólico-cultura, na esteira do posto por Freud. Aqui, entre os antropólogos (Mauss, Strauss) e a literatura (Shakespeare – *O Mercador de Veneza*, 1978), Lacan opta por este último. Com o objeto *a* Lacan aborda o corpo a seu modo, assim como Freud ([1915] 2004) tentou explorar o conceito de pulsão, situando-o no limite entre o somático e o psíquico. Tanto que, nos encontros finais deste seminário, aborda as diferentes formas do objeto parcial: oral, anal, fálica, escópica e a voz. Fica preparado o terreno para o trabalho do ano seguinte, desse que será considerado um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise (a pulsão): "...parte do corpo... a causa já está alojada na víscera e figurada na falta..." (Lacan, [1962-63] 2005, p. 238). Temos aqui o corpo abordado em sua dimensão real.

Da mesma maneira, a própria análise é pensada a partir da inserção do objeto *a*. Aqui, a análise é proposta como espaço-campo do objeto parcial, permitindo ir além de Freud. É o que nos leva ao *desejo do analista*, outro importante tema, muito abordado nesse seminário, o qual também é ligado por Lacan à função do corte. O desejo do analista consistiria nos parece, na suspensão do saber, colocando *a* no comando³, fazendo o sujeito trabalhar com a produção de seus significantes fundamentais. Dessa forma, o objeto *a* operar no comando é o efeito pelo qual, por sua vez, podemos depreender a presença do desejo do analista. Objeto *a*, resto inanalísável que, ao mesmo tempo, situa o sujeito. Isso nos permite submeter outra máxima de Shakespeare (1978) ao aparelho moebiano: ser e não ser.

Essa é uma das direções plausíveis para o tema levantado por Lacan. Não se trata então de pensar se o *paciente* melhorou ou não, e quanto. Desloca-se dessa forma a perspectiva de um sujeito que falava a partir de uma posição de saber, ou de buscar saber sobre si (S_2 no comando), para outra na qual ele possa falar a partir de onde, como sujeito do inconsciente, é causado (*a* no comando). Tomar o objeto *a* como o agente do discurso, suspendendo o saber consciente (S_2) sobre si e fazendo o sujeito, dividido ($\$$), trabalhar de forma que, assim, se produzam os significantes (S_1) que lhe são constitutivos.

Ainda podemos, nesse seminário, igualmente acompanhar como Lacan estabelece o $\$$, como dividido entre a linguagem (S_1 e S_2) e o real do corpo (*a*), mesmo que tomado como um resto a partir da operação de desnaturação do homem, mas resto importante, na medida em que segue como causa do desejo. Temos portanto os quatro elementos dos discursos – *a*, $\$$, S_1 e S_2 – tal como propostos no seminário 17, *O avesso da psicanálise* (idem, 1992).

A angústia de Lacan

Retomaremos agora o que foi apontado acerca da condição excepcional do seminário 10, *A angústia*. Arriscaríamos a hipótese da importância de considerar a relação entre a obra e o momento por que passava Lacan ao proferir esse seminário. Ele é imediatamente anterior à proposição do seminário sobre *Os Nomes-do-Pai*, que foi interrompido na primeira aula, em 20 de novembro de 1963, em face dos acontecimentos depois situados como *A excomunhão*, no

³ Conforme a proposição do discurso do analista, no seminário 17, *O avesso da psicanálise* (Lacan, [1960-61] 1992).

seminário 11 (Lacan, 1985). Fomos levados a pensar no que seria “a angústia de Lacan”. Lacan, só ele – e mais alguns, talvez – tendo noção do que estava se produzindo, em torno desse décimo seminário, de radical. Momento e circunstância raros, propriamente sublimatórios, alimentados quem sabe pelo entusiasmo que acompanhava a possibilidade de sua aceitação na instituição fundada por Freud, seu retorno à IPA. No final desse seminário sobre a angústia, Lacan colocou: “Se, no próximo ano, as coisas correrem de modo que eu possa dar continuidade a meu Seminário conforme o caminho previsto [...] será em torno não apenas do Nome, mas dos Nomes-do-Pai. (idem, 2005 p. 365)” mostrando que tinha bem presente o que estava para se passar.

Momento único da história da psicanálise e de Lacan, que o levou a reiterar que nunca mais falaria sobre os Nomes-do-Pai, uma vez que ele nunca mais estaria no ponto de enunciação no qual estava quando tinha proposto o seminário que iria levar esse nome. Não poderia ser o Pierre Menard, nem dele mesmo. Os acontecimentos o alteraram e alteraram o curso de sua produção. Vê-se instado a partir para outra proposta. Temos aí o seminário 11, como o dos quatro conceitos fundamentais... Ao longo do seminário 17, ele volta a comentar que não tinha mais como falar dos Nomes-do-Pai, acrescentando que, quando se escolhe falar de algo, deixa-se de falar de *n* outras coisas. E na seqüência, vai propor o *pai real*...

Lacan consegue explorar sua posição peculiar no discurso, sua ubiqüidade. Faz uso dela em suas intervenções e produz assim uma torção nesse mesmo discurso, nos levando a acompanhar sua perspectiva, sua excentricidade. É mesmo só desse lugar que alguém poderia, de alguma forma, contribuir com algo que até então não estava dado ou, ao menos, formulado (não seria essa a definição freudiana de sublimação?!). Lacan, dando-se conta de que apenas ele, *sozinho como sempre esteve*, percebia o que estava acabando de produzir. Lacan depois, pasmo, pela excomunhão. Como a IPA poderia recusá-lo? Como poderia ter recusado a contribuição que estava formulando com o objeto *a* e todos os seus desdobramentos?

E quanto a nós, que *restamos* com esse *objeto* como herança, que faremos com ele?

REFERÊNCIAS

- BORGES, J. L. Pierre Menard, autor del Quijote. In: _____. *Ficciones*. Buenos Aires: Emece, 1956.
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica [1895]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos [1900]. In: _____. *Edição standard brasileira*

■ Carlos Henrique Kessler

das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
FREUD, S. Pulsões e destinos das pulsões [1915]. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Escritos sobre a Psicologia do inconsciente. Tradução: Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

LACAN, J. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* [1957-1958]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *O seminário, livro 8: a transferência* [1960-1961]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. *A identificação*. Seminário 1961-1962. Recife: Centro de Estudos Freudianos, 2003. Publicação não comercial.

_____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964]. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

_____. *O seminário, livro 10: a angústia* [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* [1969-1970]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

SHAKESPEARE, W. *O mercador de Veneza*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Recebido em: 10/03/2008

Aceito em: 15/05/2008

Revisado por: Otávio Augusto Winck Nunes

TEXTOS

DISTÂNCIA ASSINTÓTICA E OBJETO a^1

Ivan Corrêa²

Resumo: O trabalho apresenta a distância assintótica em sua função de resto indestrutível como uma ilustração do que na álgebra laciana é chamado objeto a e que representa a angústia na sua função de falta.

Palavras-chave: angústia, objeto a , distância assintótica, topologia.

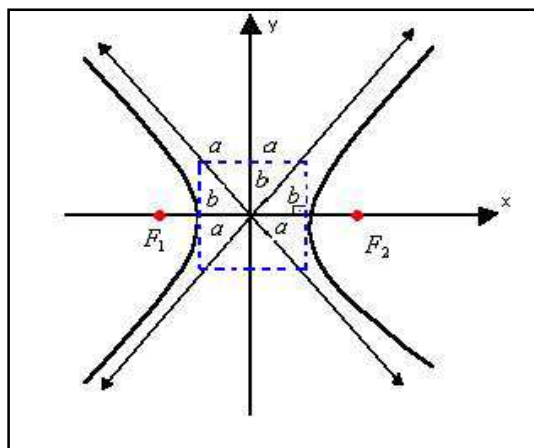
ASYMPTOTIC DISTANCE AND OBJECT a

Abstract: The work presents the asymptotic distance in its function of indestructible rest as an illustration of what is called object a in the lacanian algebra and represents anxiety in its function of lack.

Keywords: anxiety, object a , asymptotic distance, topology.

¹ Texto apresentado no XIII Encontro Nacional do CEF, realizado em Campinas, fevereiro de 1982.

² Psicanalista; Membro Fundador do Centro de Estudos Freudianos; Graduado em Letras Clássicas, Matemática, Teologia e Psicologia; Mestre em Filosofia; Diploma em Psicologia Patológica (Sorbonne). Autor de *Nós do Inconsciente* (Recife: CEF, 1993 e 2007); *A Escrita do Sintoma* (Recife: CEF, 1997 e 2007); *A Psicanálise e seus Paradoxos – Seminários Clínicos* (Salvador: Ágalma, 2001); *Da Tropologia à Topologia* (Recife: CEF, 2003). E-mail: anaivancorrea@gmail.com



$b^2 x^2 - a^2 y^2 = C$ (fórmula da hipérbole)³

O resto de um lugar

Em trabalhos anteriores (Corrêa, 1981; 1979) exploramos, no lugar geométrico da hipérbole e suas assíntotas, primeiramente, a noção de assintótico no que diz respeito à impossibilidade da coincidência entre as assíntotas e a hipérbole, lugar que ilustra o corte irreduzível entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação, entre a palavra e a verdade.

Posteriormente, chamamos a atenção para a mudança qualitativa operada na equação da hipérbole, quando ao seu parâmetro é atribuído o valor zero. Para este valor, de fato, obtemos as equações e a representação das assíntotas da hipérbole, e não mais a própria hipérbole³.

Esse fenômeno possibilita como que a visualização, em gráficos geométricos e em equações algébricas, do que se passa em relação ao recalque (*Ur-Verdrangung*) e à forclusão (*Ur-Verwerfung*), como momentos geradores da neurose e da psicose, mas também como momentos constitutivos de um novo discurso.

No presente trabalho pretendemos voltar-nos para a distância assintótica e considerá-la na sua função de resto indestrutível, como uma ilustração do que na álgebra lacaniana é chamado objeto *a*, e que representa a angústia na sua função de falta.

³ Fórmula da hipérbole: $a^2 b^2 x^2 - a^2 b^2 y^2 = C$
 $a^2 b^2$
 $3 (x - a)^2 + b^2 = 0$

Sinal de resto

É à prática analítica que recorreremos para a apreciação de alguns aspectos da questão da angústia, na tentativa de contribuição para a formalização do objeto a .

Abordar uma noção clínica e pensar em formalização não deixa de ser contraditório, se não tivermos em mente que é a teoria que ilumina a prática e a impede de se desgarrar, permitindo-lhe ser qualificada de analítica.

A elaboração do estatuto e da função do objeto designado pela letra a se faz, portanto, a partir do fenômeno da angústia. É na reversibilidade da libido do corpo próprio à do objeto, que surge algo que perturba. Nesse vai-e-vem se produz um resto, que escapa e cujo modo perturbador é a angústia. Lacan ([1962-63] 2005) o designa objeto a . O sinal de sua intervenção consiste na angústia, que é um afeto e, enquanto tal, está em relação com o sujeito. Mas como todo afeto, a angústia não é o próprio sujeito. Corresponde, sim, a alguma coisa dos momentos constitutivos do sujeito no lugar do Outro, não tendo, portanto, um lugar de significante. Brotando nos intervalos da cadeia significante, dela não faz parte⁴.

Freud ([1926] 1969) já reconhecera a angústia como sinal ao nível do ego contra um perigo interno. Lacan aprimorou essa noção de perigo interno, mostrando que, para o aparelho psíquico, não há um interior ao qual viria se opor um exterior, pois seu invólucro funciona como a topologia da faixa de Möbius, dotada de uma única face e de uma única borda. Tanto no domínio analítico como no matemático, essa topologia é um golpe mortal contra a intuição que visualiza a superfície como dotada de suas faces.

Lacan insiste em que essa noção de perigo deve ser posta em relação com o objeto a , cuja aproximação desencadeia o sinal de angústia. Assim, a angústia é uma manifestação que adverte o sujeito de alguma coisa que se produz na relação a esse objeto a . É a única tradução desse objeto para o sujeito.

Relançando o Freud ([1926] 1969) de *Inibição, sintoma e angústia*, Lacan afirma que a “angústia não é sem objeto (*n'est pas sans objet*)” ([1962-63] 2005, p. 101), traduzindo assim “*Sie ist Angst vor etwas*”, e conclui: o objeto da angústia é o objeto a .

⁴ A notação algébrica a permite a referência pura da identidade, pois a referência por um significante é sempre metafórica (pois um significante só se sustenta por sua diferença ou por sua oposição a cada um dos outros na cadeia significante).

O objeto freudiano

Mas, falando com rigor, esse objeto não é o objeto da angústia, pois não se sabe de que objeto se trata. Dizer, portanto, que a angústia “não é sem objeto” é o mesmo que dizer que há objeto, mas este não é conhecido. Pois na angústia ele está presente em sua função, mas velado no que é. Não é apreensível da mesma maneira que os objetos do campo comum. No campo freudiano, o “objeto” é sempre um objeto “investido” (*Besetzung*) de uma parte da libido do sujeito. Ninguém tem acesso direto a ele, pois não se reduz a um dado que nossos sentidos perceberiam passivamente. Ao contrário, ele só existe enquanto objeto, após algumas operações mentais. O objeto real só é concebível como um limite inacessível. Por isso são necessárias as operações mínimas que nos permitem apreender esse objeto freudiano⁵.

Lacan as distinguiu através dos três registros: Imaginário, Simbólico e Real. O objeto se efetua, então, na operação que produz o sujeito em sua alienação fundamental ao Outro. Originalmente, não se situa no campo do representável, do especular, pois é anterior à constituição do estatuto do objeto comum. Este se constitui sobre o modelo especular (imagem virtual), fonte de todas as ilusões, e que dá assim ocasião a desconhecimentos e erros.

O objeto freudiano manifesta-se essencialmente como falta, buraco na estrutura, peça originalmente faltante. Enquanto tal, é para sempre objeto perdido, ausência que nenhum significante pode tornar. Não pode, portanto, ser assimilado a um significante (é ausência pura), mesmo sendo assinalado pela angústia.

O *a* é de fato esse objeto da angústia, mas inaparente, ou faltando ao sujeito. A relação do sujeito a esse objeto só pode se produzir numa vacilação do sujeito em sua relação ao *a*, do qual a angústia é o sinal.

Para Freud, a angústia é sinal de uma perda. Lacan, concebendo a angústia como sinal da aparição de algo da ordem do objeto *a* no campo do objeto comum, dá-nos a fórmula da angústia: quando a falta vem a faltar; isto é, quando aparece sob uma fórmula positiva, quando faz imagem, quando qualquer coisa aparece no seu lugar; na fórmula freudiana, quando há perda “do objeto enquanto objeto perdido”. Nunca é, porém, o próprio objeto que aparece, pois, sendo essencialmente falta, escapa sempre, está sempre em outro lugar. Alguma coi-

⁵ Objeto fóbico = sinal de angústia; angústia = sinal de perigo; objeto fóbico = sinal de sinal (sinal à segunda potência).

sa aparece no seu lugar e em sua função sob a forma de representante da irreduzível falta. Mesmo quando aparece sob uma forma no campo comum, guarda contudo seu estatuto particular de ser não-especular, o que lhe confere o caráter de ser inencontrável, errático, estranho.

Se esse objeto é o objeto da psicanálise, o ponto central do tratamento, e se a angústia é a sua manifestação essencial ao nível do sujeito, então poderemos daí deduzir que a angústia é ao mesmo tempo uma referência essencial da prática analítica, esse algo que Lacan chama o irreduzível do real. A angústia, definida como o que não engana, é assim signo de certeza quanto à abordagem desse real.

A aparição de um representante do objeto é condição do surgimento da angústia. Ela surge na relação do sujeito ao objeto. Ou na relação do sujeito ao desejo do Outro, sempre mediatizada pelo objeto a , que representa o único modo de acesso ao Outro.

O objeto e o corte

Perceber o representante do objeto não significa apreender o próprio objeto, pois a se manifesta na experiência analítica como algo que se furta a toda apreensão possível. Sua formalização e o fato de só poder ser designado por uma letra, e não por um significante, indicam que toda esperança de sua apreensão é ilusória: ele opera um corte na cadeia significante.

Tal fato pode ser ilustrado pelo *Teorema do corte*, de Dedekind (Knopp, 1946), a propósito da continuidade dos números reais⁶.

O traço do corte ou da separação confere ao objeto o caráter essencial de ser um objeto cesurável, fugidio e ponto de impregnações geradoras de an-

⁶ “Consideremos dividido o conjunto de todos os números reais em duas classes, A e B, de tal forma que:

- 1) haja números nas duas classes;
- 2) todo número real pertença a uma ou a outra das duas classes A e B;
- 3) todo número a da classe A, seja menor que cada um b da classe B.

Obtida uma classificação dessa natureza, ou, como se diz, um *corte de Dedekind* no campo dos números reais, verifica-se o seguinte *Teorema fundamental*: ‘um corte de Dedekind no campo dos números reais define sempre um número real, e um só, s (o número de separação ou ‘fronteira’), tal que todo $a = s$ e todo $b = s$ ’.

No corte, origina-se um *ponto de acumulação*, isto é, um ponto em cujo entorno existem infinitos pontos de conjunto” (Knopp, 1946).

$3 < 3,1 < 3,14 < 3,141 < 3,1415 < \dots < 3,1416 < 3,142 < 3,15 < 3,2 < 4$

gústia. Clinicamente se manifesta, por exemplo, no temor de deixar cair, ou de perder alguma coisa, acompanhado da necessidade de mantê-la à mão ou sob o olhar, fato que permite identificar esse objeto como um substituto ou representante de *a*.

Quanto mais um filho é precioso para a mãe, tanto mais ela é atormentada pelo receio inexplicável de o deixar cair: “Vejo um edifício muito alto. De repente, cai dele meu filho. É uma visão que se me impõe e não posso me livrar dela. De fato, sempre temi deixar cair meu filho, como se meus braços fossem se abrir sem eu querer. De repente, tenho a impressão que vou largá-lo”.

Outra ilustração dessa característica temos no seguinte sonho:

Havia um bando de cavalos. Eu ia atrás deles. Um deles era diferente de todos. Era baio e ia bem na frente. Cada vez se separava mais. Eu ficava muito ansioso porque era dele que eu gostava mais, mesmo ele sendo diferente. No fim do sonho não o vi mais e acordei muito angustiado.

Esse objeto estranho, diferente e perdido, é ao mesmo tempo o que há de mais familiar e conhecido do sujeito, como demonstra o analisante que, ao vir à sessão, observou que seu olhar estava preso numa foto do talão de cheques do Bandepe, sem saber por quê. Sentiu-se invadido por um sentimento estranho. De súbito, descobriu que essa foto era da fachada do Ginásio Pernambucano, na rua da Aurora, em cuja vizinhança morou durante sua infância.

Em todos esses casos, trata-se sempre de representantes do objeto, e jamais do próprio objeto, pois ele passa sempre através das malhas da rede do significante.

A angústia interessa ao analista, não enquanto simples afeto ou vivência, mas como manifestação da relação do sujeito ao desejo do Outro. A natureza angustiante do desejo do Outro está ligada ao fato de que o sujeito não sabe qual objeto *a* ele é para esse desejo.

Na análise, a angústia aparece ligada à exposição do sujeito aos mistérios do desejo do Outro, como uma busca obscura com referências ao ser do sujeito.

A descoberta repentina, no decorrer da sessão, da presença do analista, já foi designada por Freud como um momento de resistência, quando algo de muita importância se aproxima e o discurso inopinadamente muda de curso para se ligar à pessoa do analista, que, pela sua presença, desperta um sentimento de angústia. Alguns não conseguem mesmo ocultar o desejo de ir embora ou de que a sessão termine:

Hoje tá difícil de falar. Na vez passada tava falando negócio sério e você cortou o meu barato: a minha sexualidade. Você é um homem. Mamãe recomendava para ter cuidado com os homens...Ficou uma coisa roendo dentro. Algo interrompido antes de concluir. Tou gelada. Você me inibiu. Quero ir embora. Fugir desta situação angustiante.

A incidência do desejo do Outro pode ser notada no início da sessão pela dificuldade de começar a falar. Silêncio inicial, mesclado de angústia, como o que precede a abertura do pano de boca de uma cena, a “Outra Cena”: “Sempre fico angustiado antes de começar a falar. Basta me deitar no divã. Quanto mais demoro mais a angústia aumenta e mais difícil se torna começar a falar”.

Se esse momento de angústia impede falar num primeiro tempo, é ele também que, num segundo tempo, força e precipita a palavra. Verdadeiro apelo ao vazio no Outro, movimento vertiginoso de aspiração em que se encontra enredado o sujeito, põe em movimento a máquina associativa, a corrida metonímica do discurso, a caça ao objeto, o qual, contudo, sempre escapará a esse jogo do significante.

Outro modo de evocação do desejo do Outro é a angústia quando o sujeito se sente ou se vê objeto do olhar de outrem:

Tenho medo de todo mundo. Da polícia. Isto de dois anos pra cá. Foi no carnaval. Dançando frevo, bati num policial. Eram dois. Aí eles me olharam e pensaram que eu era ladrão. Ficaram me fitando. Quando uma pessoa me olha, é porque está me pichando. Na Faculdade também: os colegas me olham e pensam que sou batedor de carteira.

Posição do analista

Uma certa quantidade de angústia necessária à análise, e que faz o analisante falar, está ligada à posição do analista, pois o objeto *a* está situado no campo do Outro e é a condição necessária da transferência.

O objeto *a* é a parte do Outro que permanece sempre outro. Única prova e garantia desse Outro, ele estabelece sua alteridade radical.

No *Projeto*, Freud ([1895] 1969) havia posto a ênfase sobre o núcleo residual em toda apreensão do Outro, núcleo que designou como a coisa, *das Ding*. Freud dividiu o “Complexo do próximo” em duas partes: uma que se deixa compreender com a ajuda de um trabalho de rememoração a partir de movimentos

corporais referidos ao corpo próprio e que fazem do outro um semelhante (*Nebenmensch*); e uma parte opaca (*Dunkel*), dando a impressão de estrutura permanente e que se mantém um todo coerente. É esta parte que é fundamentalmente outra, resto angustiante (*Feindlich*), resíduo do advento do sujeito no lugar do Outro, relíquia da simbolização.

Na análise, em que o sujeito é chamado não tanto a se constituir em relação ao Outro – pois de fato essa constituição se fez muito antes da análise –, mas a se reconstituir, a angústia vem pontuar esses momentos de reconstituição.

Objeto a e topologia

A formalização põe ao nível da prática certo número de referências estruturais. Ela introduz a possibilidade de certa ordem e mesmo de certa centragem que não são dadas ao analista escutar. Concorre ao deslocamento da ênfase do conteúdo e da busca do sentido para a estrutura e a falta de sentido. Permite a identificação das propriedades topológicas, isto é, de elementos estritamente idênticos em sua função e em seu *status*, qualquer que seja o contexto em que aparecem.

O lugar central de *a* na teoria e na prática analíticas, em seu estatuto particular e em sua função de falta, seu laço essencial à relação do sujeito ao Outro, dá à angústia na análise um lugar de capital importância.

Na análise, trata-se de fato da relação do sujeito ao Outro, e a angústia serve de pontuação ao que ocorre nessa relação.

Deve-se distinguir, de uma parte, um mínimo de angústia inerente à própria situação analítica e, de outra parte, os momentos mais intensos de angústia em relação ao desenvolvimento da análise, sabendo-se que são sempre os mesmos elementos estruturais que estão em jogo, o que indica a presença de uma topologia. O surgimento desses elementos se inscreve no encaminhamento da análise para o cernimento e o desnudamento do fantasma de um sujeito particular. Sua identificação serve para marcar as etapas dessa trajetória.

A formalização do *a* permite dar um passo a mais e situar a questão do fim da análise além da problemática da castração imaginária, não mais ao nível de um objeto preciso, imaginarizado, mas ao nível de algo inominável, cujo estatuto no *Estado de sítio* é ser tupamaro.

REFERÊNCIAS

- CORRÊA, Ivan. Matemas: mito-sintoma da Psicanálise. In: *Psicanálise feminino singular*. São Paulo: Loyola, 1981.
- _____. *Denegação e psicose*. Trabalho apresentado no IX Encontro Nacional do CEF, em Natal, julho de 1979. Inédito.
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica [1895]. In: _____. *Edição standard das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 1.
- FREUD, S. Inibições, sintoma e ansiedade [1926]. In: _____. *Edição standard das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 20.
- KNOPP, Konrad. *Teoría de funciones*. Barcelona: Labor, 1946.
- LACAN, J. *O seminário – livro 10*. Angústia [1962-63]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Recebido em 20/07/2008

Aceito em 10/08/2008

Revisado por Valéria Rilho

TEXTOS

INTERCÂMBIO ESTUDANTIL: UMA NOVA TENTATIVA DE INTERDIÇÃO?¹

Liz Nunes Ramos²

Resumo: Através da análise de uma jovem de 16 anos, o texto aborda a angústia na adolescência, momento em que se altera a posição psíquica quanto ao desejo e se especifica a identidade sexual.

Palavras-chave: angústia, adolescência, intercâmbio estudantil.

STUDENT EXCHANGE: A NEW FORM OF INTERDICTION?

Abstract: The text approaches anguish in adolescence through the analysis of a 16 years old girl. In this moment the psychic position as to desire is modified and sexual identity is specific.

Keywords: anguish, adolescence, student exchange.

¹ Este texto é uma versão revista e ampliada do trabalho intitulado *A primeira impressão é a que fica...às vezes*, apresentado nas Jornadas Clínicas da APPOA – *Angústia*, realizadas em Porto Alegre, outubro de 2007 e publicado no Correio da APPOA, Porto Alegre, n. 162, out. 2007.

² Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. E-mail: liz.ramos@terra.com.br

Vou me amparar numa série de três episódios trazidos à análise por uma jovem de 16 anos para discutir a angústia, quando se altera a posição psíquica quanto ao desejo e se especifica a identidade sexual. A angústia envolvida no tornar-se mulher e nas novas relações com as demandas parentais: tais episódios surgem nos meses anteriores à partida para um intercâmbio estudantil, cuja função na atualidade este caso também permite indagar.

Seus pais a trazem aos 13 anos, para que possa “tratar de questões particulares próprias da idade” e “preparar-se para o intercâmbio” dentro de três anos, que constitui uma espécie de ritual de passagem instituído na família, visando à “independência e ao domínio do inglês”. Palavras da mãe, a qual, na ocasião, tem como certa a partida da filha e os benefícios sobre o dispositivo instituído na família, particularizando pouco a expectativa de independência e domínio. O pai silencia, está sonolento e irritado com a pouca obediência da filha. Não foi sem angústia ou preocupação que considerei em que compromissos de realização dos seus ideais poderia enredar a análise, caso não me orientasse estritamente pela demanda (se houvesse) da moça.

De início, ela não tem demandas próprias, três anos é muito na temporalidade adolescente, e ela não se ocupa do intercâmbio. Ao contrário da percepção paterna, ela parece estranhamente acomodada ao planejado, mas muito angustiada. Por isso decido escutá-la algumas vezes, para ver o que ali poderia surgir. Ela falava sem parar, numa agitação corporal um tanto excessiva. Por exemplo: o chiclete saltava da boca, grudava nos cabelos, nos dedos, as pulseiras rolavam pela sala, o tamanco saía do pé em piruetas, brincos e celular precisavam ser resgatados de dentro da poltrona, esquecia bottons, livros, elásticos do cabelo, esmaltes descascados das unhas, etc. Havia dificuldades evidentes para haver-se com o corpo, seus limites, objetos e movimentos pulsionais.

Descreve muitos momentos experimentados como o que chamamos de “inquietante estranheza” do cotidiano, até que, após uma decepção amorosa, demanda ajuda. Na disputa com outras moças pela atenção dos rapazes, não quer ser “uma perdedora”, e também não quer ser “a popular”, categorias identificatórias definidas na escola, contra as quais se rebela. Queria ser amada, ter amigos, sem ser a mais popular, com o peso de ser “a” guria. Em que pese a denegação, acolho seu pedido, penso haver aí algo de uma perda que ela sabe estar em jogo, mas que não pode cristalizar-se como a posição identificatória da perdedora, ao mesmo tempo em que tem algo a ser buscado, algo do lugar feminino, que não equivale ao de “a popular”, da sem faltas. Sob essa forma, emerge a rivalidade com a mãe, que, nas suas representações, é uma mulher independente, bem-sucedida, forte.

A encruzilhada que organiza sua demanda me pareceu revelar sua divisão quanto à castração, o não saber como significá-la na versão feminina.

Achar um lugar no circuito fálico, sem se excluir no aquém ou além de um lugar imaginário de referência ideal não é fácil, e ela tem clara a falácia dessas imagens nas quais não poderia amparar a condição adulta, seu ser, sem se deparar com o engano que elas comportam, já que ambas contornam a castração sem simbolizá-la. A primeira (a perdedora) chora um suposto falo perdido, sem saber de que luto mesmo se trata, e a segunda (a popular) faz semblante de o ser, numa estratégia histérica, só podendo comparecer na cena social como não-castrada, mulher que só vale se travestida da perfeição. Quanto à angústia desse momento, chamou-me atenção a expressão “a” mais popular, pelo equívoco com a+, pois remeteu à idéia do objeto positivado, primário, não-inscrito no inconsciente como perdido, de cuja aproximação Lacan diz resultar a angústia. Curioso ainda o jogo entre uma (perdedora) e “a” (popular). Surgiria algo entre o indeterminado e a exceção? Poderia advir como mais uma mulher? Inscrever seu sexo como diferente, nem menos, nem mais que o masculino, de forma a poder se haver com o falo, relativamente preservada quanto a sua identidade feminina?

Durante dois anos aproxima-se do intercâmbio com certa leveza, até o momento em que faz algo que considerou ridículo e disparou uma angústia intensa. Situo este como sendo um primeiro episódio a ser analisado, numa série de três: ela envia sua apresentação ao site de intercambistas brasileiros em uma folha virtual repleta de bichinhos, florzinhas, etc. e quando o acessa se assusta, pois verifica que foi a única a fazê-lo assim: todos haviam usado páginas-padrão. Daí em diante, sua relação com o intercâmbio se altera, ela se angustia muito, sente-se inadequada. Vê que a infância acabou, precisa acabar, toda insistência só vai prejudicá-la. Surpreende-se e se pergunta por que fez isso, como não percebeu o ridículo? A constatação surge como se todo seu trabalho de luto da infância não tivesse sido percebido.

Enfim, ver essa apresentação no site funcionou como olhar-se no espelho, aquele mesmo que constituiu a imagem de si, e não mais se reconhecer. Seu olhar não mais compõe uma unidade consigo mesma, mas reflete uma imagem distorcida, revela algo da infância, não-falado, a retornar incomodamente, e que agora surge em disjunção com a imagem que precisa sustentar. É quase como encontrar-se com objetos infantis esquecidos, dividindo-se entre dois tempos subjetivos. Um encontro? Ou desencontro? Eis o real. De um furo no espelho salta um objeto esquecido, mas não representado como perdido. O que lhe fora tão caro torna-se estranho, na conhecida passagem do *heim* ao *unheimlich*. Está “mal na foto”, a imagem da criança que foi agora produz

estranhamento, se sobrepondo à atual e, ao invés de dizer quem é, a confronta com um enigma. Há algo de si que desconhece, invadindo o que tenta ganhar consistência. O temor do ridículo, do mico, retornará em outras situações, evidenciando o quanto bichinhos e florzinhas tão banais podem ser tão assustadores para um adolescente, quanto os palhaços para uma criança. O significativo opera, assim, de acordo com sua articulação na cadeia, ou sua ausência, dá ao banal o caráter de fundamental, ou invasivo. No desdobramento do trabalho sobre isso ela vê que se ofereceu como uma criança querida, ideal, e tal ingenuidade a envergonhou, é como se tivesse trapaceado com a sedução. Não era mais como criança que deveria seduzir; aliás, diz que não sabe seduzir. É aqui que as condições de castração dos pais e o testemunho dos pares assumem importância no trabalho de significar uma nova posição. De qualquer forma, se se desconhece é porque já está inscrita na cena social, mais do que sabe.

Eis o segundo episódio: poucos dias depois tem um sonho de angústia:

Estou saindo da escola, mas do lado de fora do portão tem um homem, maloqueiro. Que nojo, ele está me olhando... muito, se eu sair vai me pegar. O pai vem me buscar, mas está atrasado, eu sei que ele vai chegar, mas não posso esperar, o homem vai entrar. Tenho que fazer alguma coisa logo. Decidi sair, não sei como vai ser, eu vou, aí acordei.

Passa o dia mal.

Se o primeiro episódio, o da apresentação ao site, mostra o fim da infância e a dissonância com a imagem especular que a sustentava, esse sonho me parece introduzir o sexual, significado como horror da invasão, novamente, sobretudo pelo olhar, de um homem decaído, imagem na qual pai e maloqueiro se confundem, os dois vêm "pegá-la", buscá-la. Parecem ser a representação tanto da impossibilidade do pai para protegê-la quanto de seu gozo. Versão mais sexual e transgressiva do que as que habitavam seu imaginário até então. Esse olhar vem lembrá-la de que, se não é mais criança, como o site lhe revelou, terá de se haver com sua condição sexuada. A angústia revela que o pai está impossibilitado de protegê-la, seus significantes faltaram, o que é bem freqüente, sobretudo quando eles se atrasam no reconhecimento de que a filha cresceu, quando não a brindam com um olhar de reconhecimento de sua feminilidade. Tais significantes podem advir na sua função protetora, mas, sem eles, o olhar que a contempla, por não reconhecê-la em sua nova condição, é também destituído de eficácia simbólica; logo, seu corpo está confrontado a um desejo sem interdição.

Noutra via de tomada do sonho, desse desejo, a narrativa também fala. Ela está saindo da escola, de seu lugar, tem que sair, para habitar outro, quase como quem é expulsa do lar. Sua “decisão” (haveria mesmo escolha?), expressa como “eu vou”, tenta, nos parece, introduzir o imperativo ao qual estaria submetida e respondendo de forma um tanto voluntariosa. Angústia inevitável, correlativa do aparecimento da demanda do outro onde não deveria mais estar, ou onde se trataria de se deparar com o vazio do desejo do Outro, para se reorganizar subjetivamente. Nesse caso, a transgressão é iminente, o corpo corre risco, e expressa seu aprisionamento à posição infantil. As grades que terá de transpor constituem uma bonita metáfora da borda imaginária e simbólica que se esvai, e também o aprisionamento à demanda dos pais e à espera do pai. Simultaneamente, espera por sua intervenção e alienação ao que ele espera dela, a expectativa de obediência como condição de reconhecimento. Poucas vezes vi tão belamente expressa a dependência da menina ao amor-investimento do pai como garantia do interdito e dobradiça para significar o sexo como escolha e efeito da renúncia de ambos. Sonho que visa simbolizar um momento crucial, o da falta de amparo frente à demanda, no qual contaria apenas com seu ato para buscar a saída do impasse quanto ao sexual e libertar-se da demanda materna, derivada da rivalidade. É através da angústia que se inscreverá o imperativo de saída como única alternativa para aceder à posição de mulher, ou seja, saída da condição de falo, que implica a criança ideal. Para sair da condição de objeto do olhar incestuoso, que a situa no desamparo, e assumir o corpo como próprio, preservando a possibilidade de sua entrega no futuro, ela precisa assumir sozinha os riscos de tal operação? Se sabe que o pai vai chegar é porque um dia ele a amou, mas é hora de deixá-lo e buscá-lo alhures, ao invés de ser buscada por ele na saída da escola? Irá reencontrá-lo noutra país, nos significantes de Outra língua? Conflito inconsciente habitual, a dividir corpo e alma femininos, e que deriva para os sonhos de encontrar o príncipe, sempre de reinos distantes.

Terceiro episódio: fica sabendo que na chegada ao país, os intercambistas farão um discurso, apresentando-se, dizendo de suas intenções e porquês da escolha; perante os colegas, os agenciadores e a família substituta. Entra em pânico e diz o seguinte:

Tem que ser (o discurso) em duas línguas, a da gente não conta, então falarei em inglês e espanhol (digamos). Não posso errar, já pensou que mico?

“Como imaginaste o mico?”, pergunto.

“Vou ficar muda, esquecer tudo, ou vou falar com aquela voz, to-

dos olhando, vou ficar vermelha, e vão aparecer as marcas das espinhas... E falar pra quem, se ainda nem sei quem são meus pais, estou indo sem família. Vou desaparecer, tem que dar tudo certo, porque 'a primeira impressão é a que fica'... às vezes.

De novo, o imperativo (tem que ser) e o apresentar-se constituem problema. As incertezas a colocam à mercê da fantasia, como se a falência de toda referência simbólica fosse inevitável. Mas aqui a fantasia não é pouca coisa, constituiu o suporte para se pensar num outro lugar, antes de se precipitar nele. Não poucas vezes, as viagens para os ditos intercâmbios constituem verdadeiros *actings-out* de tais dificuldades, buscando efetivar noutra realidade material a saída de uma posição psíquica conflituada ou inexistente. Essas frases convocam a vê-la exposta, a partilhar o horror, a vermelhidão do rosto, como o nojo do sonho, dizendo da existência de um sujeito, mas prestes a desaparecer, caso não consiga se representar frente a quem a interpela, e não descubra o que esse Outro quer, o que o Outro vê nela, que objeto é para esse olhar. Olhar e voz a interpelam, ela pode faltar ou aparecer como desconhecida. Movimentos que ainda não encontraram suportes imaginário e simbólico suficientes, nesse momento de reorganização pulsional. Nessa fantasia, viu-se tomada no imperativo de dizer o que o outro quer ouvir, condição de acolhimento por uma família. Parece-nos haver aqui uma delicada passagem do trato com o vazio do desejo do Outro, para a relação à demanda.

Talvez somente agora tenha descoberto que a demanda de seus pais, formulada há três anos, exigia resposta. Não em casa, atendendo às expectativas, mas lá, situando-se noutra cena, pública, experimentando a condição de estrangeira, tal como no site. No equívoco de estar indo sem família (de lá para acolhê-la ou daqui para suportar o embate?) revela-se a suspensão na qual se encontra. Conseguirá outra família? Seria através dos pais substitutos que faria a passagem a outro lugar, noutra enlace ao discurso? Dúvida benéfica, pois permite vislumbrar se, com eles, noutra língua, reeditará o mesmo ou se poderá introduzir alguma diferença na rearticulação de seu fantasma, já que o lugar de destino foi de sua escolha. Através da fantasia, ela representa, me parece, a necessidade de passar da pergunta sobre o desejo do Outro à afirmação de si, do que ela quer.

O que subsiste de um sujeito se sua língua não conta? O que pensaríamos da afirmação "tem que ser em duas línguas", quando o destino parece se decidir? Se o sujeito não é sujeito senão de linguagem, ser em outra língua diria da tentativa de um novo acesso à linguagem, ao inconsciente? De ser novamente marcado por significantes que dissessem quem é? Uma tentativa de inscre-

ver novos Nomes-do-pai? A angústia aqui pode ser efeito de uma pendência na constituição de seu lugar subjetivo, mas diz também do estranhamento dos adolescentes, quando essas referências, mesmo constituídas, e sólidas, já não são suficientes. É como filha que falará? E para quem, o que eles (os pais) querem? Num instante, o espelho no qual o adolescente se olha, e que sempre é diferente daquele oferecido pelo olhar amoroso e idealizante dos pais da infância, revela sua condição de objeto perante o olhar desconhecido, enigmático, de um outro Outro. A dificuldade dessa fala, parece, é que esse discurso, por breve que seja, deve articular a falta do Outro que organiza essa cultura, com as suas próprias faltas, seu fantasma, seus desejos e ideais, sem o recurso à língua que a fez sujeito e na dependência de sua relação aos semelhantes que a esperam. A angústia pode ser indicativa, aqui, de que nesta crise a travessia pode exigir a retomada, no caso, em outra língua, da operação de recalque primário – da qual resultou o traço unário e a entrada na ordem significante, dando acesso à palavra, com o conseqüente advento do objeto *a* como perdido, operando como causa de desejo. Necessidade de refazer a inscrição do traço unário, a primeira impressão, e que ela sabe não ser de natureza imaginária. É simbólica, às vezes fica, às vezes não, e quando vacila será o corpo que responderá como objeto-causa. Nesse caso, a primeira impressão não fica, e tudo tem que dar certo. Nessa experiência, é como se, através de seu discurso, ela precisasse abrir uma brecha na sua língua de origem, logo, na sua constituição, para enxertar o inglês e o dialeto da região escolhida, não em posição de uma língua estudada, como saber intelectual, mas com função psíquica, à medida que possa se representar através dela, de veicular um saber inconsciente.

Olhar e voz são objetos que trazem a marca da relação ao Outro, são objetos perdidos, que põem em causa uma perda, perda de dimensões do corpo materno. É nas inscrições psíquicas do objeto faltante que encontramos amparo e sustentação do corpo, quando perdemos o materno como referente. O fato de não os inscrever como perdidos os mantém como objetos positivados (a+), persecutórios, invasores, que capturam à primeira vista e não se abrem vias de substituição. Talvez por isso mesmo seja angustiante o lugar da mais popular, ela própria encarnando o objeto não-perdido. Olhar não-interditado, voz estranha ou anulada, infantil, marcando uma presença indevida. Se a voz não é sua, quem fala?

Vacilando a impressão do significante que advém no lugar do perdido ou que define a diferença sexual, falha o que enlaça o corpo ao discurso, restando no seu lugar nada mais que marcas de espinhas no real do corpo, restos de hormônios que fizeram um buraco, mas não atestam condição sexuada. Talvez por isso, a jovem escolha para levar consigo uma máscara em gesso, modelada

na escola, a partir do próprio rosto, seu duplo, na qual colocou grandes cílios, lábios muito vermelhos e uma pele bronzeada. Uma brincadeira com a imagem, como sempre fazemos, mas necessária para demarcar orifícios corporais e permitir certa apropriação de movimentos pulsionais. No entanto, embora possa levar apenas a si mesma, ela sabe que a máscara não será suficiente para representá-la, pois se refere à imagem ideal que deveria portar. Sobre a máscara diz: “sei que pode quebrar na viagem, mas não tem importância, é só para enfeitar o quarto”. Pois bem, adolecer é tomar a palavra para representar-se entre adultos e, na ausência de espaços simbólicos e imaginários consistentes, só por sua palavra pode se produzir a alteração de suas representações, a inscrição de novas bordas, que revalidem o inconsciente. Tal como ela, acho que a máscara quebrará mesmo, ou seja, poderá emergir a rivalidade impossibilitada por seu afastamento precipitado de casa, na medida em que encontre novos referentes na linguagem. Deve quebrar, levando consigo essas partes que perdemos de nós mesmos, e só por isso nos tornamos alguém. Essa máscara tem algo de mórbido, ou ela quebra, ou corre o risco de virar molde de um bronze mortuário, que visa eternizar o morto, o perdido, em condição ideal. Desse esfacelamento podem não saltar restos da sexualidade infantil, sempre dependente do corpo materno, mas a fantasia sexual, abrindo a possibilidade de circulação de um corpo feminino em posição bem diferente do enfeite de quarto.

Sabemos que, os imperativos de gozo, neste caso os de independência e domínio da língua (impossíveis, posto que somos sempre assujeitados por ela), impedem a inscrição das perdas objetivas, mantendo o real sem limites, confrontando com a morte. Nesse contexto, seriam os intercâmbios um recurso para refazer o encontro com o Outro, já que nossa cultura organiza tão poucos atos de separação, abrindo continuamente portas para os *actings*? Pensando sobre o que deve mudar na adolescência, talvez um intercâmbio sirva para que a dimensão da troca, que põe em causa valores e equivalências simbólicas, entre novamente em questão, e alguns títulos da dívida privada adquiram valor no âmbito público, de forma a mudar a economia de gozo em desejo e permitindo novas representações de si, desta vez incluindo o desejo sexual, que nem uma perdedora e nem “a” popular inscrevem. Se a primeira impressão é a que fica, da primeira sessão ficou a impressão de haver, do lado da mãe uma antecipação; do lado do pai, uma omissão, e do lado da moça, sua ausência. Se o preço que os imperativos de gozo cobram aos adolescentes é o de se representarem perante o Outro de muitas culturas, para reinscreverem a castração e valerem como sujeitos, bem-vinda a angústia, que permite operar esse câmbio e dar lugar ao traço que faz marca na trajetória de uma existência. É o que talvez possa surgir nessa estreita brecha entre ela e a máscara. O desejo não precisa

■ Liz Nunes Ramos

mais do que esse pequeno espaço vazio. Bela trajetória a percorrer: da ausência ao vazio.

Recebido em 18/04/2008

Aceito em 21/06/2008

Revisado por Betariz Kauri dos Reis

TEXTOS

**ANGÚSTIA,
DE GRACILIANO RAMOS:
ALGUMAS OBSERVAÇÕES¹**

Regina Sarmento²

Resumo: A questão da angústia, no presente trabalho, é abordada a partir do livro de Graciliano Ramos, *Angústia*, buscando refletir sobre as relações entre o processo criativo e a angústia.

Palavras-chave: angústia, literatura, criação.

ANGÚSTIA BY GRACILIANO RAMOS: SOME OBSERVATIONS

Abstract: The matter of anguish, in the present work, is taken into consideration from the book of Graciliano Ramos, *Angústia*, in an effort to reflect about the relations between creative process and anguish.

Keywords: anguish, literature, creative process.

¹ Trabalho apresentado nas Jornadas Clínicas da APPOA – *Angústia*, em outubro de 2007.

² Psicanalista, membro do Colégio de Psicanálise da Bahia. E-mail: rtsarmento@terra.com.br.

O que quer que conseguisse escrever seria apenas por não conseguir escrever “a outra coisa”.

Clarice Lispector

A memória guardou apenas alguns fragmentos do livro de Graciliano Ramos lido na adolescência. Entre os registros que permaneceram, os mais marcantes foram: a força do texto na construção de uma atmosfera opressora, a sua densidade e o peso causado pela leitura. Tomei essa lembrança como sinal, e não desprezei a certeza dela advinda quando, há um ano e tanto, me deparei com o mesmo volume lido – uma edição de capa amarela com letras vermelhas – da Livraria José Olympio Editora, e me senti impelida a uma releitura. Que poderia encontrar ali? Que leitura poderia fazer, agora, de *Angústia* e da angústia? Se Graciliano Ramos nomeou um livro *Angústia*, isso me movimentou na direção de ir buscar o que ele oferece.

Freud sempre ressaltou a importância da troca entre a literatura e a psicanálise, e colocou os escritores em lugar privilegiado, à frente dos psicanalistas. O texto literário enriquece o que, às vezes, a teoria empobrece. Então, paralelo a um estudo teórico sobre a angústia, em que os textos freudianos e lacanianos consumiam o meu tempo de leitura, o reencontro com o livro de Graciliano mobilizou em mim uma curiosidade inquietante. Nele, um outro tipo de leitura, uma outra forma de me deparar com o tema proposto para essa jornada, isso, com certeza, eu encontraria. E, o que mais?

Nessa relação entre literatura e psicanálise, é reconfortante encontrar uma espécie de tradução em texto literário do que é dito na teoria ou, vice versa. Aliás, entre os textos de Freud e o de Lacan, esse vaivém entre um e outro muitas vezes funciona como um aval para a certeza. Mas não é essa busca que deve sustentar o percurso, e sim a possibilidade de encontrar algo a mais. Há um ponto que deve ser comum ao artista e ao psicanalista, que é a possibilidade de criação, a capacidade de produzir para além do que já está aí. É a busca dessa “outra coisa” que move a criação. É aqui que *Angústia* me fisgou. *Angústia*, o livro; *angústia*, o conceito – passando os dois por minha angústia.

Em 1936, ao ser preso, tachado de comunista, Graciliano Ramos deixou os originais desse livro nas mãos de uma datilógrafa, como um texto necessitado de muitas reformulações. Eis o que ele nos diz em *Memórias do cárcere*:

Na casinha de Pajuçara fiquei até de madrugada consertando as últimas páginas do romance. Os consertos não me satisfaziam: indispensável recopiar tudo, suprimir as repetições excessivas. Alguns capítulos não me pareciam muito ruins, e isto fazia que os

defeitos medonhos avultassem. O meu Luis da Silva era um falastrão, vivia a badalar à toa reminiscências da infância, vendo cordas em toda a parte. Aquele assassinato, realizado em vinte e sete dias de esforço, com razoável gasto de café e aguardente, dava-me impressão de falsidade. Realmente eu era um assassino bem chinfrim. O delírio final se atamancara numa noite, e fervilhava de redundâncias. Enfim não era impossível canalizar esses derramamentos. O diabo era que no livro abundavam desconexões, talvez irremediáveis. Necessário ainda suar muito para minorar as falhas evidentes. Mas onde achar sossego? (Ramos, 2002, p. 42).

O desagrado diante das repetições e das desconexões; os excessos e as redundâncias só poderiam causar insatisfação àquele que disse que “a palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer” (Ramos, 1948. Entrevista, site oficial do escritor). A palavra, no entanto, não consegue dizer a angústia. Ela não pode ser dita. Eis, portanto, o autor angustiado diante de um texto nomeado *angústia*, dirigido a um leitor afetado por essa angústia.

Tomada pela lembrança da opressão e do peso, porque não dizer, da angústia que a memória me trazia como efeitos da primeira leitura, de certa forma me desconcertei ao perceber que o substantivo *angústia*, se é que não cometi um lapso de atenção, está presente, apenas, no título do livro. Encontrei, no corpo do texto, a palavra angustiado em relação ao Senhor Ramalho. Um livro de duzentas e tantas páginas é escrito e recebe um título: *Angústia*. Nomeado antes ou depois de ser escrito, *Angústia* é o que dá a marca do livro, é o seu registro. Narrativa construída em torno da angústia e, tendo esta como causa.

No livro, encontro uma torrente de confissões de um homem amargurado, que procura a razão de seus atos e que busca não perder a sua dignidade, mesmo cometendo atos julgados indignos. Luis da Silva é o narrador. Neto de Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, filho de Camilo Pereira da Silva, e ele reduzido a “um Luis da Silva qualquer” (Ramos, 1953, p. 22). O texto é escrito na primeira pessoa. Texto marcado por “sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios” (Ibid). Escrito por alguém que diz viver “agitado, cheio de terrores, uma tremura nas mãos que emagreceram [...] mãos de velho, fracas e inúteis” (Ibid). A narrativa que Luis da Silva constrói na tentativa de encontrar a razão de seus tormentos não é linear, não segue o tempo cronológico, um pensamento leva a outro, um tempo a outro tempo, a fantasia à realidade, em um jorro de associações de idéias e sentimentos. Mistura de acontecimentos vividos e delírios, lembranças recentes e de acontecimentos

remotos. Escrito de alguém que se vê levando uma “vida de sururu. Estúpida” (Ramos, 1953, p. 7). Que lhe causa indignação. Escrita marcada por uma mistura de sentimentos que delineiam um verdadeiro caos interior.

A vida que Luis da Silva reconhece viver é, para ele, sem sentido. A angústia, enquanto real, é sem sentido. Luis da Silva é impelido a escrever. Ele necessita construir uma história, uma narrativa trágica, para dar contornos, dar sentido à sua angústia.

Ao ser detido, sem acusação formalizada, sem processo instalado, sem um depoimento prestado, Graciliano Ramos vive um momento absurdo, dez meses de verdadeiro *non sense*, quando armazena, na memória, o material para realizar o que anos antes o seu personagem havia também realizado: escrever um belíssimo livro. Luis da Silva, em seu fantasiar em torno da morte de Julião Tavares, imagina-se sendo preso e escrevendo um livro, realizando, assim, o seu desejo de ser escritor. Não lhe acontece a prisão em um cárcere, mas uma alternativa para tentar escapar de um aprisionamento da alma é escrever sobre o desespero dos acontecimentos recentes, misturados às lembranças cruéis de desamparo, de solidão, de decepções e frustrações. Graciliano Ramos, a partir de um cárcere real, escreve, dez anos após ser posto em liberdade, *Memórias do cárcere*. Luis da Silva escreve *Angústia*. Esse aprisionamento pode-se chamar de angústia, e é ela, enquanto o que não cessa de não se escrever, que impele à criação. A angústia encontra acolhimento na criação artística e literária, e é justamente porque carrega esse ponto de causa que ela não pode ser abolida. Ela é a marca humana.

Luis da Silva quer escrever, quer ser escritor. Após trinta dias imerso em estado febril, delirante, acompanhado de sombras e visões, ele luta contra o impulso de tudo abandonar:

Penso no meu cadáver, magríssimo, com os dentes arreganhados, os olhos como duas jabuticabas sem casca, os dedos pretos do cigarro cruzados no peito fundo [...] Enxoto as imagens lúgubres. Vão e voltam, sem vergonha, e com elas a lembrança de Julião Tavares. Intolerável. Esforço-me por desviar o pensamento dessas coisas (Ramos, 1953, p. 8).

As recordações, os esquecimentos, as criações vão construindo o texto:

De toda aquela vida havia no meu espírito vagos indícios. Saíram do entorpecimento recordações que a imaginação completou (Ramos, 1953, p. 15).

[...] Naturalmente gastei meses construindo esta Marina que vive dentro de mim, que é diferente da outra, mas se confunde com ela (Ramos, 1953, p. 72).

Desejava Marina e era preciso que Marina o desejasse. A cena insuportável da traição é descrita da maneira seguinte:

Ao chegar à Rua do Macena recebi um choque tremendo. Foi a decepção maior que já experimentei. À janela da minha casa, caído para fora, vermelho, papudo, Julião Tavares pregava os olhos em Marina, que, da casa vizinha, se derretia para ele tão embebida que não percebeu a minha chegada (Ramos, 1953, p. 79).

Raiva, ódio, cólera misturavam-se a um sentimento de desqualificação:

A roupa do intruso era bem feita. Os sapatos brilhavam. Baixei a cabeça. Os meus sapatos novos estavam mal engraxados, cobertos de poeira. Pés de pavão (Ramos, 1953, p. 80).

[...] Sou uma besta. Quando a realidade me entra pelos olhos, o meu pequeno mundo desaba (Ramos, 1953, p. 84).

Desaba, nesse momento, uma construção simbólica e imaginária. Desaba uma fantasia, esse véu que vela e desvela o real insuportável. “Se eu não tivesse cataratas no entendimento, teria percebido logo que ela estava com a cabeça virada” (Ramos, 1953, p. 91). Lamenta-se Luis da Silva, mas não escapamos das cataratas no entendimento. Há sempre o que nos escapa, e é isso que, quando emerge, ameaça de desabamento o nosso mundo.

As palavras de Graciliano em *Memórias do cárcere* dizem que, diante de um desmoronamento, é “indispensável retirar dele migalhas de vida, cultivá-las e ampliá-las, de outro modo seria o desastre completo, o mergulho definitivo” (Ramos. 2002 p. 59).

O olhar de Marina desviou-se para outro; o olho embaçado de Luis da Silva não admitiu esse desvio. Como cair desse lugar que construiu, como suposto objeto de desejo de Marina? Quem era ele? O que representava para o desejo do Outro? Quem era ele para ela? Um desvalorizado, um rato, um nada.

Marina vira a cabeça e seu olhar dirige-se para outro. A voz de Julião Tavares acompanha Luis da Silva:

A voz oleosa de Julião Tavares continuava a perseguir-me. Era como se eu estivesse diante de um aparelho de rádio, ouvindo língua estranha. Distanciava-me. As palavras gordas iam comigo. Umhas chegavam completas, outras alteravam-se – ruídos confusos e vogais indistintas. Necessário dar cabo daquela voz. Se o homem se calasse as minhas apoquentações diminuiriam (Ramos, 1953, p. 101-102).

Trinta dias imerso num desvario, buscando, desesperadamente, catar os seus cacos, as suas migalhas, ponto de partida para um trabalho de reconstrução. Nesse contexto,

A idéia do livro aparecia com regularidade [...] O livro só poderia ser escrito na prisão, em cima das pedras, na esteira, na rede, sob cortinas de pucumã. Um livro escrito a lápis, nas margens de jornais velhos (Ramos, 1953, p. 237).

Se o reconhecimento no lugar de objeto-causa não mais existia, a sua condição de existência transferiu-se para o reconhecimento do objeto criado: o livro. “Escreveria um livro. Faria um livro na prisão. Amarelo, papudo, faria um grande livro, que seria traduzido e circularia em muitos países” (Ramos, 1953, p. 232). A aspiração do sucesso – um grande livro amarelo, papudo, guarda semelhanças com Julião Tavares – gordo, vermelho, papudo. O livro lhe restituiria alguma coisa vivida, como lhe tendo sido usurpada, alguma coisa que lhe tocara na questão identificatória, que o jogou no espaço da angústia. O livro lhe restituiria o espaço perdido.

REFERÊNCIAS

- RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editor, 1953.
RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: José Olympio Editor, 2003.
RAMOS, Graciliano. Entrevista. Site oficial do autor. Disponível em <http://www.graciliano.com.br>

Recebido em 12/05/2008

Aceito em 30/06/2008

Revisado por Beatriz Kauri dos Reis

TEXTOS

A ANGÚSTIA E A INVENÇÃO DO SUJEITO

Luciano Elia¹

Resumo: O autor trabalha com a idéia de que a experiência da angústia situa-se no ponto preciso do advento do sujeito. O termo “advento” remete etimologicamente a “invenção”, o que faz da angústia o ponto de invenção do sujeito. Esta mesma idéia é retomada no plano do advento/invenção da psicanálise a partir da ciência moderna, situando no corte que separa a ciência moderna da *episteme* antiga um ponto que se poderia nomear de angústia, causando, no plano do saber, efeito homólogo ao que a angústia produz em cada psicanálise: o advento/invenção do sujeito.

Palavras-chave: angústia, advento, invenção, sujeito, ciência moderna.

ANGUISH AND INVENTION OF THE SUBJECT

Abstract: The author works on the premise that the experience of anguish is located at the moment of the advent of the subject. The term “advent” is etymologically linked to the word “invention”, making anguish the point of the emergence of the subject. The same idea is developed when discussing the advent/invention of Psychoanalysis as a modern science, underlining the cut that separates modern science from the classic *episteme*. This point can be named anguish, causing an effect similar to what anguish provokes in any psychoanalytical treatment: the advent/invention of the subject.

Keywords: anguish, advent, invention, subject, modern science.

¹ Psicanalista; Membro do Laço Analítico Escola de Psicanálise (Sub-sede do Rio de Janeiro).
E-mail: lucianoelia@uol.com.br

O que é a *angústia*? Podemos responder sem correr nenhum risco de, com isso, perder o rigor da conceituação psicanalítica: a angústia é um *afeto*. Mas, se essa resposta define de modo correto, sucinto e elegante o conceito de angústia na psicanálise, – e estaríamos acompanhando Freud e Lacan nessa resposta, já que tanto um quanto outro definiram a angústia como um afeto: *sui generis*, no dizer de Freud, e *afeto fundamental, aquele que não mente*, nas palavras de Lacan – ela não basta, entretanto, para dizer bem o que é a angústia na experiência psicanalítica.

O que particulariza esse afeto na experiência da análise? E, mais do que isso, o que particulariza a própria categoria de afeto na psicanálise? Esta segunda pergunta ganha todo seu peso estrutural pelo fato de que o afeto da angústia não é apenas particularizável por ser *da angústia*, mas, antes disso, por constituir um *afeto*, a ser tomado em acepção muito particular, aquela que lhe confere um lugar na estrutura. A localização de um afeto na estrutura já constitui, por si só, uma particularidade que interdita que se conceba esse afeto como uma manifestação meramente psicológica, um *pathos* subjetivo, a ser arrolado entre outros, no conjunto de afecções ou emoções psíquicas que um indivíduo humano é capaz de experimentar em sua existência.

Considerando o afeto na estrutura, podemos dizer que, na psicanálise, o afeto da angústia designa o modo de incidência *real* da linguagem no corpo daquele que, a partir desse ponto primário e radical de incidência, poderá advir como sujeito em relação com esse corpo assim tão primordialmente afetado pela linguagem.

Afeto, portanto, aqui, designa o efeito mais primordial que sofremos por sermos seres-corporais-falantes, seres de linguagem. Afeto é efeito, ambas as palavras derivando do *fazer*, do *facio* latino², e então podemos dizer que o afeto primordial, a angústia, é o feito, o efeito, aquilo que o significante *faz* no corpo do sujeito, e que terá como consequência o advento do sujeito nesse corpo.

Também a palavra *invenção*, que utilizamos no nosso título, requer que consideremos sua etimologia latina. *Invenção* deriva de *invenire*, que significa *vir a ser a partir de algo, advir*. A psicanálise, sobretudo a lacaniana, nos habituou a entender que o sujeito advém, o que pode ser lido em Freud desde que nos aparelhemos com o olhar de Lacan: *Wo Es war, soll Ich werden*, em que *werden* significa *tornar-se, vir a ser, advir*. Ela também nos faz ver – e isso é um

² Cf. Ernout, A e Meillet, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine – histoire des mots*, Paris: Librairie C. Klincksieck, 1959, p. 201-213.

avanço indiscutível do ensino de Lacan – que o sujeito não apenas inventa modos de tratar o gozo, de saber-fazer com o real, como também, ele próprio, como sujeito, é *inventado*. O modo como o sujeito, através de seu *sinthoma*, enoda os três registros – Real, Simbólico e Imaginário – anéis interdependentes num enlace borromeano, localiza e regula seu gozo, o modo do seu fazer resulta equivalente ao próprio sujeito, *é o sujeito como tal*.

Em que sentido, a partir dessas primeiras considerações, aqui trazidas a título de balizas preliminares, podemos dizer que o sujeito advém, ou seja, *inventa-se*, a partir da angústia?

Responderemos a essa questão em dois níveis, que pretendemos absolutamente articulados, e tão articulados que podemos chegar a dizer que são equivalentes, que são a mesma coisa tomada em dois níveis diferentes.

O primeiro é a experiência do advento do sujeito na análise, seu momento de aparição na cena do fantasma fundamental, em que estabelece sua relação primeira com o objeto e com a realidade, mas sobretudo sua constituição real na experiência analítica, e não a sua constituição ficcional, tal como apresentada pelo que se convencionou chamar de “teoria da constituição do sujeito”, que supomos ocorrer com o pequeno bebê nos primeiros circuitos de sua relação com o Outro. Só na análise é possível verificar os efeitos de sujeito naquele que fala, o analisante, e assim verificar *a posteriori* a própria constituição do sujeito. O segundo é o advento do sujeito no mundo, seu momento de aparição na cena do pensamento e do saber humano. Lacan se deu ao trabalho de situar como a constituição do *cogito* cartesiano, correlato essencial do momento da invenção da ciência moderna, com Galileu Galilei.

Faremos dialogar o seminário 10, dos anos 1962-1963, intitulado *A angústia* (Lacan, [1962-63] 2004) – com o escrito *A ciência e a verdade*, de 1965, (idem, [1965] 1998) e tentaremos mostrar que, tanto no advento-invenção do sujeito na análise, quanto no advento-invenção do sujeito na ciência, trata-se, como condição estrutural determinante, da angústia.

O que marca, na análise, o momento de aparição da angústia? Podemos responder que é exatamente a incidência persistente, decidida, porém dosada e advertida, do desejo do analista, que opera no sentido oposto ao das identificações do sujeito; identificações que são sustentadas pelos circuitos da demanda – atendida ou frustrada, é indiferente – tal como se estabelecem na repetição sintomática da vida do sujeito, e tal como encontram seu fundamento estrutural na posição do sujeito no fantasma. A esse respeito, Lacan faz um interessante assinalamento no seu escrito sobre *A direção do tratamento* (idem, [1958]1998), no qual deixa claro que as significações que o sujeito dá à demanda do Outro, e que parecem dar fundamento ao fantasma, são na verdade por ele determinadas:

É portanto a posição do neurótico em relação ao seu desejo, digamos para abreviar o fantasma, que vem marcar por sua presença a resposta do sujeito à demanda, dito de outro modo, a significação de sua necessidade. Mas esse fantasma nada tem a ver com a significação na qual ele interfere. Com efeito, esta significação provém do Outro na medida em que dele depende que a demanda seja atendida. Mas o fantasma não chega neste ponto senão por encontrar-se na via de retorno de um circuito mais amplo, aquele que, levando a demanda até os limites do ser, faz o sujeito interrogar-se sobre a falta na qual ele aparece como desejo (ibid., p. 644).

Na objeção ao gozo estabelecido por esse circuito, advém a angústia, e é por meio dela que o sujeito encontra a força motriz necessária a um prosseguimento ativo e eficaz de seu trabalho na análise, ou seja, de sua *elaboração* – trabalho do e com o gozo. De forma alguma trabalho reflexivo, intelectual ou *mental*, como se poderia supor e como efetivamente muitas vezes se concebe essa categoria conceitual freudiana, absolutamente fundamental na clínica, e que, como tudo que tem relação com a pulsão, envolve trabalho – *labor*.

A angústia é, assim, o efeito de uma determinada forma de aproximação do desejo, forma que é o avesso do fantasma (pelo qual o sujeito, ordinária e não analiticamente, faz sua aproximação corriqueira do desejo ao longo de sua vida). Se, no fantasma, o sujeito é sujeito do gozo, na angústia ele está em posição de objeto, tal como no desejo (é como objeto que “o sujeito” deseja, dirá Lacan no seminário 10) do que decorre condição da angústia como avessa ao fantasma.

Se as identificações e as demandas determinadas pelo fantasma o protegem da angústia, pela produção de um saber, a posição de objeto no desejo produz um desamparo radical pela destituição desse saber e sua correlata incerteza, que é experimentada como angústia.

A condição primordial do sujeito é a de objeto. Toda a elaboração conceitual de Lacan em torno da única categoria que ele diz ter inventado em psicanálise – a de objeto *a* – (e aqui novamente reencontramos o tema da invenção, do advento) articula-se à condição mais fundamental do sujeito. O objeto não começa por ser algo já constituído em uma positividade, uma exterioridade consistente em relação ao sujeito, e com o qual este, por sua vez também já constituído, vem a travar conhecimento ou a estabelecer uma relação (seja ela de percepção, cognição, enamoramento, ódio ou outra). Ao contrário da lógica dessa posição de inter-positividades mutuamente exteriores, o objeto é um des-

tacamento do Outro, como campo no qual o sujeito tem que se constituir. Correlatamente ao destacamento do objeto, o sujeito experimenta um destacamento de algo em relação ao seu próprio corpo. Esse pedaço de carne que se separa é, ao mesmo tempo, fragmento do Outro que se destaca. Descompletados, Outro e corpo dão lugar ao objeto *a*, imaterial, irreal (mas nem por isso imaginário), que é a primeira condição do sujeito, condição em que sujeito e desejo *coincidem*. Lacan dirá que o objeto *a* é “o fundamento não-objetivável de toda objetividade possível” (Lacan, [1962-63] 2004, p. 99).

Ora, o afeto da angústia é, de todos os afetos, aquele que traduz mais contundentemente a experiência do sujeito em suas proximidades da condição de objeto. Lacan dirá que a angústia é a única tradução subjetiva do objeto *a* (ibid., p. 113). Frase genial, pois, além de exprimir uma tradução impossível (no sentido de que não será possível lê-la), a de objeto em sujeito, ela indica que não há outro destino possível ao que é da ordem do objeto *a* senão traduzir-se subjetivamente, ou seja, fazer suas incidências indefectíveis no sujeito, afetá-lo, causar-lhe a angústia.

No plano do advento histórico da ciência moderna, podemos dizer que foi justamente o golpe da emergência de uma incerteza radical que acompanhou o surgimento do discurso científico no mundo. O pensamento que mantinha com o real ao qual se referia uma relação de compreensão e de similaridade (se um corpo cai é porque deve ocupar o lugar mais baixo, idéia que só tem lugar em um paradigma de pensamento organizado por uma determinada lógica do espaço que estabelece um “em cima” e um “embaixo”), é golpeado por toda espécie de interpelação destitutiva: não haverá mais “em cima” e “embaixo” no espaço do mundo físico, e o universo infinito e interplanetário substituirá o cosmos finito e fechado do mundo antigo.

No lugar do firmamento, termo que traduz bem a idéia de que todos os astros estariam firme e seguramente fixados em um espaço celestial – tal como o sujeito que, da terra, os sustenta com seu olhar especularizado – advém o espaço sideral, sem teto, chão ou paredes, aberto e infinito, no qual os astros estão em permanente movimento. Nada mais é firme nem firmado, nada mais é compreensível nem comensurado ao indivíduo humano. O excesso traumático se instaura em torno da falta de saber e de poder representar, pela imagem, o mundo. O significante se introduz no mundo, divorciado do significado, cuja cópula com o primeiro que, no mundo antigo, permitira ao sujeito a ilusão de que eram um só – o signo.

É a Koyré que Lacan recorre para fazer sua análise da emergência estritamente moderna do sujeito, seguindo a linha demarcatória que esse autor traça entre o mundo antigo e o universo moderno, chamada de “corte maior” (*la*

coupure majeure) por Lacan. Koyré foi o historiador da ciência que concebeu esse corte, entre os mundos antigo e moderno, o que faz especialmente em uma de suas principais obras, cujo título, aliás, belíssimo: *Do mundo fechado ao universo infinito* (2006), já indica a operação empreendida no texto. A análise de Lacan, que não pode ser qualificada de epistemológica, porquanto Lacan não está empenhado na demarcação entre o que é e o que não é científico em cada ciência, nem com os critérios de operatividade discursiva da ciência, é *sui generis* do ponto de vista discursivo. Por isso, Milner a denomina *Doutrinal de ciência*, especificando que, por seus axiomas, hipóteses, lemas e *logions* (Milner, 1995), esse doutrinal só ganha efetivamente seu lugar no interior do discurso psicanalítico. É desde o lugar discursivo da psicanálise que Lacan pode ler, no passo de Descartes (o cogito), a emergência do sujeito, e afirmar a equivalência dos sujeitos (da ciência e do inconsciente).

É nesse caldo que o sujeito emerge, no advento do mundo moderno, portanto, e não antes, o que levará Lacan a afirmar que a ciência moderna, como ciência e como moderna, define um modo de constituição e determinação do sujeito (*apud* Milner, op. cit., p. 34), esse mesmo sobre o qual operamos em psicanálise. O sujeito é o mesmo mas, sobre ele, a ciência não opera³.

O sujeito da ciência, o sujeito histórico que é parido no mundo junto com a ciência moderna, Lacan o situará no ato de Descartes ao constituir o que denomina o *cogito*, por esvaziar-se de todo saber sabido, consistente, compreensível, que o homem tinha antes de ter sido impelido a *cogitar*, a *duvidar* como única forma possível de ter uma *certeza*. Sem o recurso ao saber, restará ao sujeito-cogito ancorar sua certeza no *ser*: penso, logo *sou* – pois, ao pensar que não sou, continuarei pensando, inelutavelmente, o que dá ao pensamento o estatuto e a ancoragem no ser. Mas isso não sucede sem angústia, e diremos então que o momento do advento do sujeito no mundo moderno, *via cogito* e *via ciência*, é um momento de angústia no pensamento humano, e alguns célebres representantes desse momento histórico, como Montaigne, que não deram o passo que coube a Descartes, dão-nos testemunho dessa angústia.

³ Conhecemos a famosa frase de Lacan, que sempre causa espanto à primeira leitura: “o sujeito sobre o qual operamos em psicanálise não pode ser outro senão o sujeito da ciência”. Importa destacar que, na frase, está explícito que somos nós (isto é, os psicanalistas) que operamos sobre esse sujeito, que é o mesmo da ciência, e nada na frase diz que a ciência opere sobre ele, já que ela se especifica justamente por não fazer isso (Lacan, [1965] 1998, p. 873).

O que Descartes fez foi uma invenção – o *cogito* – obviamente para não morrer, para não enlouquecer, exatamente como o sujeito faz em sua vida, e depois em sua análise, quando experimenta a angústia: ele se inventa, ou seja, retomando os termos com os quais iniciamos nossa escrita aqui, ele se faz advir.

(Ele virá a morrer por força de sua submissão fantasmática a uma mulher, a Rainha Cristina, da Suécia, que o obrigará a transferir-se da França para seu país, infinitamente mais frio, úmido e polar, produzindo-lhe a doença respiratória que lhe custará a vida. Mas aí ele morre pelo sintoma e pelo fantasma, ajustados entre si, sem angústia alguma. Como se vê, a angústia não é a morte, e a experiência de pavor e medo radical que via de regra acompanha o angustiado, a famosa *morte iminente*, é antes um antídoto que uma perigosa e arriscada vizinhança da morte real, da qual o sujeito não tem registro simbólico, mas apenas a marca pulsional: em psicanálise, a morte não é mais do que uma pulsão, e, na angústia, é da pulsão que ele está ao lado, e não da morte, que encontramos, querendo ou não, abrupta ou lentamente, por meio do fantasma e do sintoma)⁴.

Entre Descartes-sujeito do fantasma e Descartes-pensador da angústia, desenha-se o intervalo do surgimento do sujeito no mundo do significante. E a psicanálise, com Freud, trezentos anos depois, retornará a esse ponto discursivo, lógico, para trazer finalmente esse sujeito ao seio da única experiência em que ele pode operar sua constituição – a experiência psicanalítica.

É no mínimo curioso que o sujeito tenha chegado ao mundo junto com a ciência, e no momento que qualificamos de *angústia* no pensamento, momento homólogo ao da emergência da angústia em uma análise, como efeito do dispo-

⁴Transcrevemos trecho retirado do site História, Cultura e Pensamento – René Descartes, de Voltaire Schilling, na Seção *A morte em terras geladas* a respeito da morte de Descartes: “A morte dele foi de certo modo prevista. Vivendo a maior parte do tempo na Holanda (um oásis para o pensamento numa Europa sitiada pelo fanatismo), resistiu o tempo que deu aos insistentes convites que a rainha Cristina da Suécia, mulher cultíssima, lhe fazia. Descartes, um fóbico aos climas invernais, relutava em ir residir na corte em Estocolmo, sabedor que sua saúde não suportaria naquele reino ‘de ursos, cercado de rochas e gelo’. Terminou, porém, para lá embarcando, enfurnado na sua última máscara, a de preceptor da jovem rainha. Para desgraça dele, a soberana marcava-lhe as entrevistas para as cinco horas da madrugada! Foi demais para ele sobreviver naquele cenário quase boreal. Uma pneumonia devastou-o em 11 de fevereiro de 1650. Católico num país luterano, inumaram-no num cemitério reservado aos que não haviam ainda chegado à razão – o das crianças recém-nascidas. Somente dezessete anos depois, em 1667, um dos seus discípulos conseguiu remover o corpo do filósofo de volta para a França”.

sitivo psicanalítico e do desejo do psicanalista, com seu conseqüente *efeito de sujeito*. O que é curioso torna-se também irônico quando paramos para pensar no que se tornou (não a ciência moderna, essa de Galileu e Descartes, que, moderna, toda ciência digna deste nome o é) mas a ciência contemporânea. Em seu casamento com o capitalismo, essa *digna dama austera*, a ciência moderna, degradou-se em uma *vagabunda*, imagem que utilizamos em uma publicação anterior (Elia, 2004).

Se tudo o que dissemos tem alguma pertinência e fundamento, a ciência, embora opere uma *forclusão* do sujeito, nas palavras de Lacan, ela porta as marcas do abalo do pensamento que lhe deu nascimento, e que neste trabalho aproximamos da categoria de angústia. A ciência resulta de uma quebra da unidade *sígnica* (significante-significado) e só pôde emergir como um discurso novo no pensamento humano porque operou essa disjunção entre significante e significado. Se examinarmos a física moderna em sua rigorosa matematização, veremos o quanto as relações intersignificantes detêm a primazia sobre o significado, e o quanto a compreensão imediata do real ou na natureza, que caracterizava o pensamento antigo e medieval, está distante.

O que assistimos, hoje – sobretudo no subcampo da ciência que se pode denominar, no global, de neurociências do comportamento, fusão na neurologia, da medicina e da psiquiatria organicistas e da psicologia cognitivo-comportamental – é a abolição da operação *significante* em benefício de uma compreensão imediata. Tudo se compreende imediatamente, desde que se estabeleçam as conexões neuronais faltantes. Nada mais será enigmático ou refratário à compreensão, *quando* (e não *se*, pois inclui-se na operação a certeza do êxito da empreitada) chegarmos a elucidar a totalidade do cérebro.

Retrocesso ao obscuro mundo da compreensão, que se traveste do mais moderno aparato tecnoterminológico. Nenhum sinal de angústia, de sujeito, de lógica e de *significante*, o que temos é o acoplamento integral e imaginário do que se observa com o sentido que se dá a isso, sem nenhuma mediação simbólica. E isso para ficarmos no plano menos deselegante das operações de redução intelectual, porque, no plano político e econômico, o fundo explicativo dessa coisa toda é o mercado dos psicofármacos, segunda maior indústria mundial em faturamento, que só perde para a indústria de armamentos, a qual produz o assujeitamento integral do saber aos interesses do capital, determinando agenda de revistas científicas, verba de pesquisa universitária, comprando profissionais da área médica com *notebooks*, viagens milionárias e outros bens, para que não deixem de receitar o seu produto.

Para concluir, convocamos Tom Jobim, no final da letra de *Rua Nascimento Silva 107*: “É, meu amigo/ só resta uma certeza/ é preciso acabar com

essa tristeza/é preciso inventar de novo o amor”. Diremos nós: “É, meus amigos, só resta uma certeza, é preciso acabar com essa chatice, é preciso inventar de novo o sujeito, para o que recomendamos vivamente uma crise de angústia ao mundo contemporâneo”. Quem sabe, em sua seqüência, o sujeito (o histórico, que anda sumido) volte a aparecer e possa nos reger um laço social mais amplo?

REFERÊNCIAS

- ELIA, L. A dama e a vagabunda. *Palimpsesto*, Folhetim do Laço Analítico Escola de Psicanálise, Rio de Janeiro, n. 1, 2004.
- KOYRÉ, A. *Do mundo fechado ao universo infinito*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006.
- LACAN, J. *O seminário, livro 10: a angústia* [1962-63]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- _____. A ciência e a verdade [1965]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. A direção do tratamento e os princípios de seu poder [1958]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- MILNER, J.-C. *L'œuvre claire: Lacan, la science, la philosophie*. Paris: Éditions du Seuil, 1995.
- SCHILLING, Voltaire. A morte nas terras geladas. Disponível em: <<http://www.educaterra.terra.com.br/voltaire>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2008.

Recebido em 04/03/2008

Aceito em 12/05/2008

Revisado por Otávio Augusto Winck Nunes